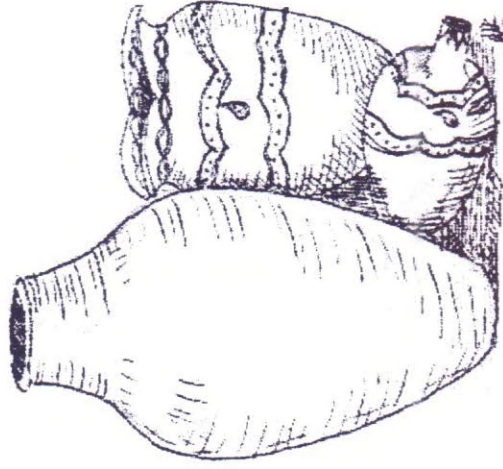
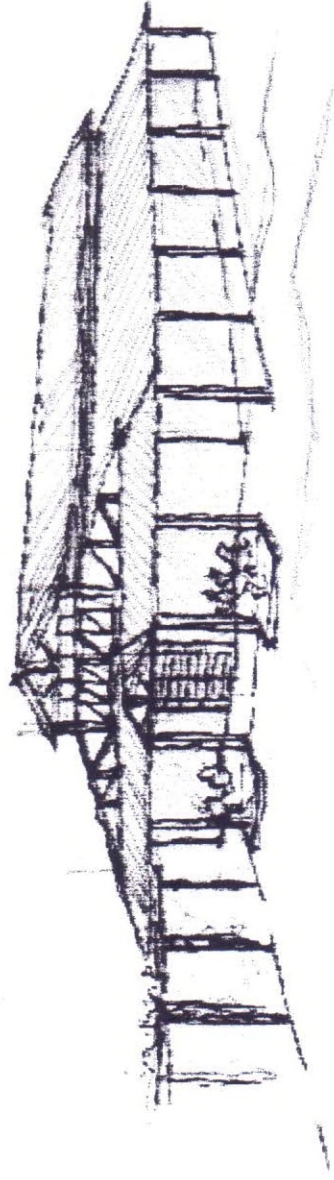
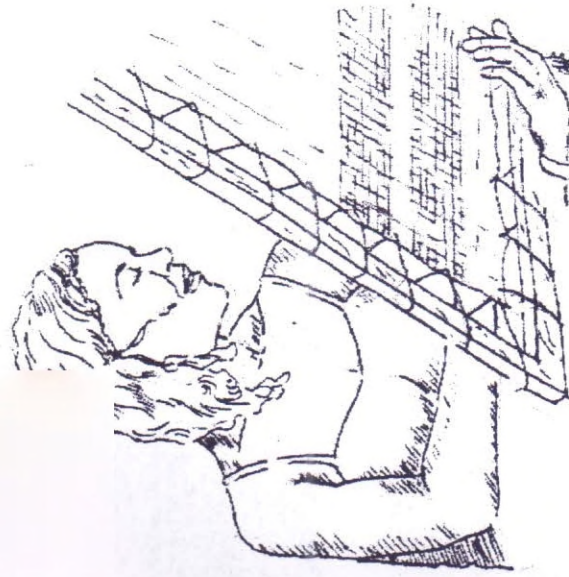


Centro de Artesanato de Cascavel



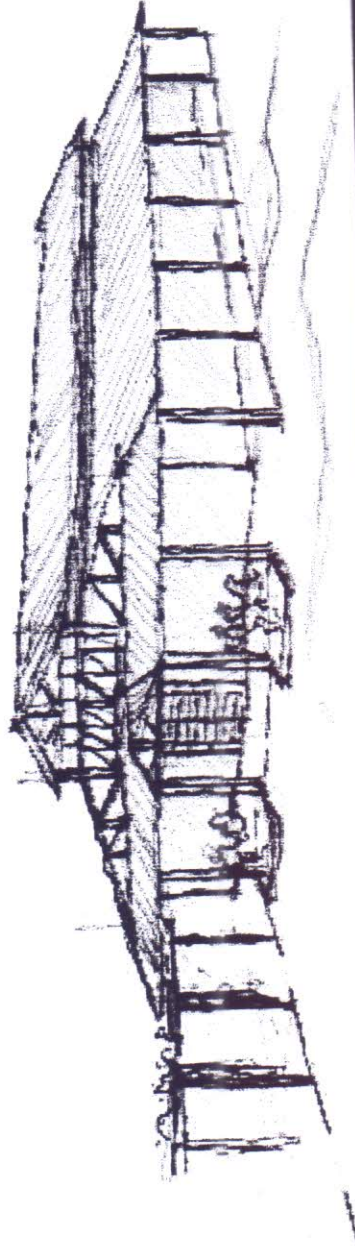
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

ALUNO: ALEXANDRE WYTAUTAS RAULUSAITIS
ORIENTADOR: RICARDO BEZERRA

“ ... Um pote é belo por causa da água que encerra, e uma cesta se magnifica porque porta a colheita. Um pote não é belo só porque é perfeito, único, embora mil potes outros possam existir. Ele é belo não apesar de ser útil, mas porque é útil; provém de um tempo anterior à cisão entre beleza e utilidade, e portanto recria um tempo em que é possível criar sem escravização à tecnologia. Trabalhar, criar nesse tempo são uma só atividade, participando ao mesmo tempo do jogo e da produção: uma atividade lúdica, plena do prazer de Ter conseqüências práticas”.

Vera de Vives.

Dedico à minha mãe, Glória.



Apresentação⁰³

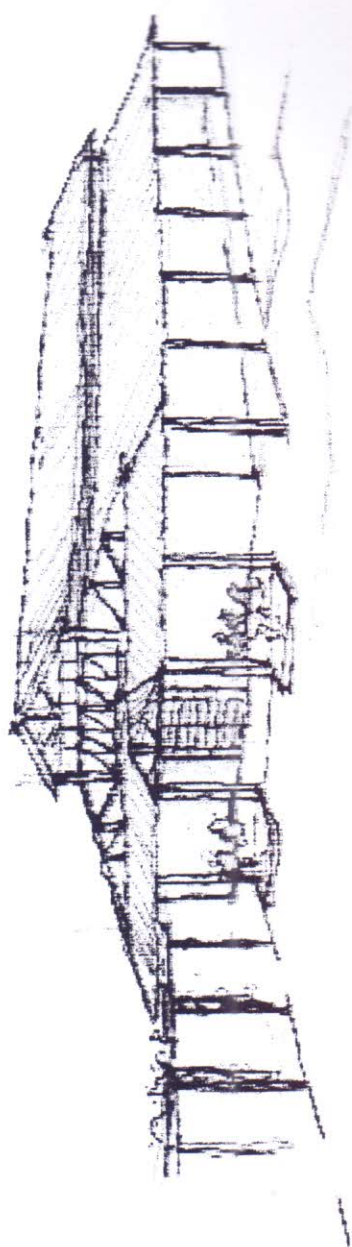
O presente Trabalho Final de Graduação vem trazer uma discussão e reflexão sobre o tema do artesanato na sociedade contemporânea, visualizando sua importância cultural, social e econômica. A partir de leituras, entrevistas e vivências próprias sobre o tema, buscou-se encontrar um modelo que pudesse servir ao artesão, apoiando-o, capacitando-o, valorizando o seu trabalho e o seu produto como bens de cultura.

Utilizou-se como campo de estudo a cidade de Cascavel/CE, que possui um grande potencial em termos de artesanato, estando os seus artesãos carentes de um equipamento que possa realmente apoiar a atuação de sua cooperativa artesanal (que existe desde 1985) promovendo o desenvolvimento e possibilitando o crescimento da mesma.

A proposta arquitetônica defendida neste trabalho busca criar um espaço que contemple as necessidades dos artesãos, criando ainda um local de lazer, cultura e convivência para a população de Cascavel e para os visitantes.

O partido arquitetônico buscou valorizar os elementos da arquitetura regional cearense no intuito de criar espaços agradáveis em conformidade com o nosso clima e a nossa realidade cultural.

Buscou-se enfim, aliando formas simples e materiais regionais, criar uma proposta com a qual o usuário pudesse se identificar e ao mesmo tempo se sentir valorizado.

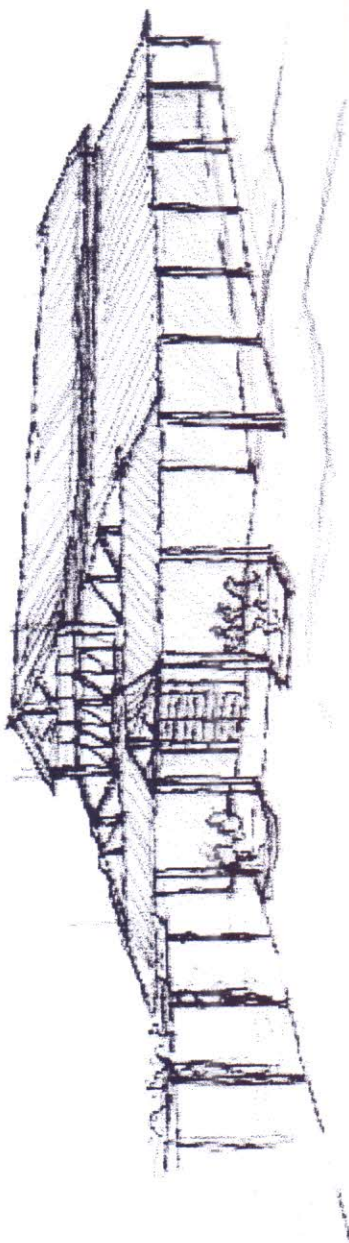


Agradecimientos

05

Agradecimentos:

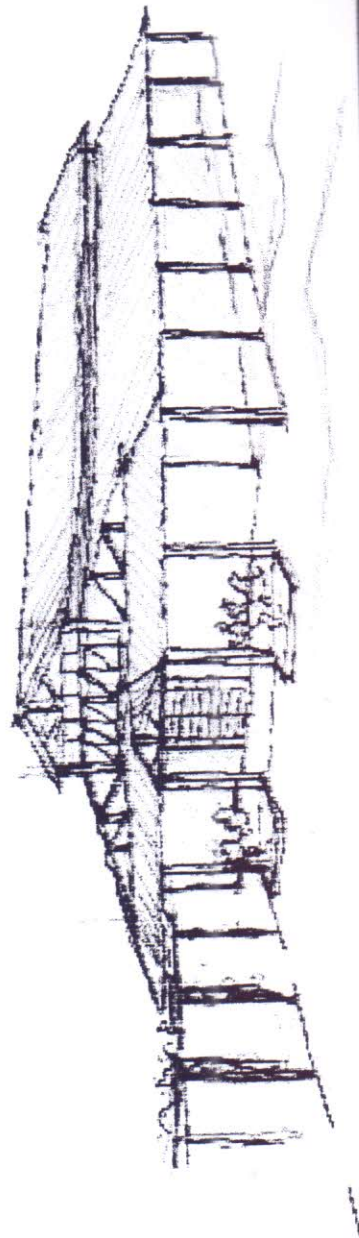
- A Deus , pelo Dom da vida.
- A meus pais, pelo apoio incondicional.
- Ao professor Ricardo Bezerra, pela orientação amiga.
- Ao arquiteto José Raimundo Martins Jr., pela solicitude e ajuda na pesquisa.
- A Katiane, pelo incentivo.
- A Fabiano, Alexandre Veras e Rejane, pela amizade
- A turma 1996/2 pelo convívio amigo.
- A todos que me apoiaram nos anos de faculdade.



Sumário

07

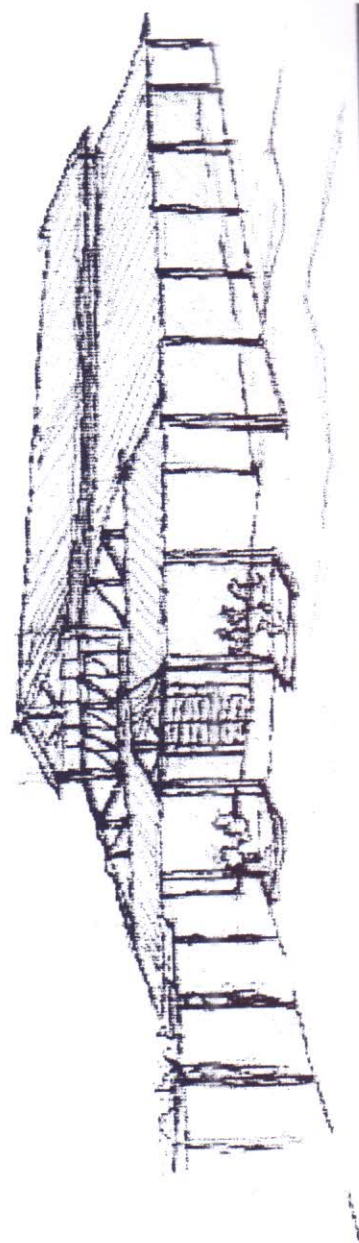
	Página
Apresentação	03
Agradecimentos	05
Sumário	07
Lista de Tabelas	09
Lista de Ilustrações	11
Conceituação Teórica.	14
Justificativa	20
Objetivos	23
Artesanato no Ceará	27
Aspectos Históricos e geográficos / O terreno	34
Programa de Necessidades	39
Fluxograma	43
Partido Arquitetônico	45
Projeto Arquitetônico	52
Referências Bibliográficas	75
Anexo	78



Lista de Tabelas

09

	Página
Tabela 1 –Tipologias Artesanais no Ceará	28
Tabela 2 – Situação Geográfica de Cascavel	36
Tabela 3 – Divisão político Administrativa de Cascavel	36
Tabela 4 – Unidades Fitoecológicas de Cascavel	37
Tabela 5 – Temperatura de Cascavel	37
Tabela 6 – Pluviometria de Cascavel	37



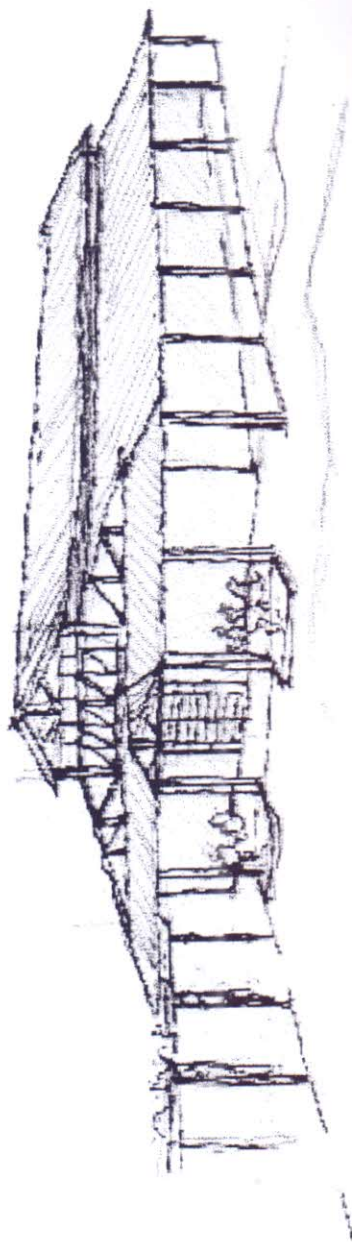
Lista de Ilustrações¹¹

	Página
Figura 1- Filé	15
Figura 2- Cerâmica	16
Figura 3- Cestaria	17
Figura 4- Labirinto	18
Figura 5 – Potes	19
Figura 6 – Gráfico de Atividades	29
Figura 7 – Tipologias artesanais em Cascavel	30
Figura 8 – Gráfico Escolaridade	30
Figura 9 – Gráfico Gênero	30
Figura 10 – Interior Cooperativa	31
Figura 11 – Exterior cooperativa	31
Figura 12 – Feira Livre de Cascavel	32
Figura 13 – Interior Cooperativa	32
Figura 14 – Polo Artesanal	33
Figura 15 – Feira Livre de Cascavel	33

Figura 16 – Terreno	38
Figura 17 – Terreno	38
Figura 18 – Croquis de implantação	48
Figura 19 – Croquis Estrutural 1	49
Figura 20 – Croquis estrutural 2	49
Figura 21 – Croquis estrutural 3	49
Figura 22 - Croquis Restaurante	50



26



Conceitualização Teórica¹⁴

É oportuno, no início deste trabalho, tecer algumas considerações sobre o artesanato visto como papel de testemunho da cultura na qual o artesanato está inserido, vislumbrando ainda seu papel social e econômico na sociedade contemporânea. Buscar-se-á ainda fazer uma análise das iniciativas de apoio ao artesanato, pontuando suas deficiências e potencialidades na busca de um modelo que possa ser mais eficaz no intuito de dar ao artesanato um apoio nos diversos aspectos de seu trabalho: produção, capacitação, difusão cultural e comercialização de seus produtos.

Para iniciarmos esta análise, utilizaremos uma definição de **Borba e Rodrigues** (1969:24) para o assunto:

“A atividade artesanal é aquela que é executada por indivíduos, ora com a ajuda de familiares, visando a produção de bens ou serviços necessários à comunidade e na qual o esforço individual não é suplantado pelo emprego da máquina.”

Podemos diferenciar ainda, de acordo com **Vives** (1983:133) o artesanato não tradicional (“... cujo trabalho bastante se aproxima do trabalho do artista, pois é expressão de habilidade e disciplina manuais e principalmente, de inventiva e criatividade individuais e singulares, não coletivas”); do artesanato tradicional (“... que além dessas duas mensagens transmite, com seu trabalho, todo um código, um conjunto de significados importantes para a cultura.”). É

Figura 1 - filé



importante ressaltar que deve ser visto como artesanato tradicional, não apenas o artesanato rural. O artesanato urbano transmite igualmente em seu trabalho símbolos e códigos do meio em que vive.

Perspectiva Histórica: Se retrocedermos um pouco no tempo, perceberemos que nas corporações de ofícios medievais, artesanato e artista eram a mesma pessoa, possuindo conhecimento de todas as etapas da produção de seu ofício. Com o advento da revolução industrial, os processos de produção foram fragmentados. O operário não tem liberdade perante a máquina, como cita Vives (1983:137):

“O processo industrial é desumanizador: divide o homem em relação a si mesmo e em sua relação com o mundo.”

Percebemos portanto que o artesanato como conhecemos hoje em dia, funciona como um elo de ligação perdido entre a beleza e a utilidade, relocando o homem no papel de criador e o levando a se reidentificar como um ser não desenraizado, mas inserido em um sistema próprio e seu.

Código de um povo: O artesanato pode ser visto como um código que traduz elementos da cultura de um povo, seus comportamentos e suas tradições, legando ao artesanato tradicional, portanto, um papel de testemunho desta realidade em que ele está inserido. É passada ainda, através do artesanato a tradição técnica da confecção dos objetos que traz em si muito de relevante para o entendimento dos elementos culturais de uma sociedade. Como cita Le Goff (1987), há uma memória técnica responsável pela transmissão do conhecimento prático que ocupa um lugar decisivo na construção da memória coletiva, da identidade social e do sentido de permanência de um grupo.

Figura 2- Cerâmica



O artesanato reflete ainda as mudanças a que a cultura está sendo submetida, como cita Vives (1983:135) :

“As obras artesanais (...) nos permitem leitura da cultura tradicional, e testemunham as modificações a que tal cultura foi e está sendo submetida pela inclusão de significados que antes lhe eram estranhos e que a ela se incorporaram”

Descaracterização x Evolução: Cabe aqui uma reflexão sobre a inserção de valores, símbolos e elementos estranhos na linguagem do artesanato tradicional. Esta inserção é preocupante a medida que faz com que se percam as raízes autênticas das obras artesanais. Esta interferência muitas vezes é feita pelos próprios centros artesanais, pelos “atravessadores” ou por profissionais como decoradores que sugerem formas, adornos, desenhos e estilos que não são típicos da vivência do artesanato. Por outro lado, estando o artesanato inserido em um mundo globalizado, e em constante transformação, é de se esperar que algumas modificações ocorram naturalmente no seu trabalho, refletindo uma nova realidade, novos materiais, novas tecnologias. Estas mudanças quando surgem espontaneamente a partir do próprio artesanato devem ser aceitas como válidas. Não se deve, portanto, pretender colocar o artesanato sob uma “redoma de vidro” impedindo-o de estar em contato com as transformações do mundo, de buscar novas formas de expressão, de criar novas tipologias; pois o artesanato como código de uma cultura não deve ser estático, mas dinâmico.

Aspectos Econômicos: Uma das questões, que merece especial atenção, é o modo que o artesanato se insere na estrutura econômica. Um binômio importante nesta questão é a relação entre comercialização e preservação do artesanato. As exigências do mercado, muitas vezes, ditam

Figura 3- Cestarias



padrões, adornos, modas. É preciso não repassar ao artesanato essas exigências para não desvirtuar o seu trabalho.

Por outro lado, não se pode dar as costas ao mercado, negando o papel econômico do artesanato, pois segundo Vives (1983)

“...Se o fizéssemos, seríamos contraditórios: estaríamos a todo custo tentando preservar a cultura, com prejuízo do criador, impedindo-o de participar da realidade de seu tempo somente naquilo que, afinal, pode significar para ele melhoria das condições materiais de vida”

Deve-se, então, estabelecer uma forma de comercialização, compatível com a preservação desses bens. Procuraremos então, fazer uma análise de algumas possibilidades de ajuda ao artesanato neste sentido, e alguns erros a serem evitados.

Os Centros de Artesanato: Iniciaremos analisando a atuação dos centros de artesanato. Eles são importantes e apresentam uma ajuda indispensável ao artesanato, no entanto podem por outro lado prejudica-lo na medida em que:

- Introduzem professores de artesanato vindos de fora, e que em virtude de uma falta de preparo, são incapazes de ajudar o artesanato a melhorar sua técnica, dentro da estrutura de trabalho, símbolos e códigos do próprio artesanato, e ao invés disso, introduzem elementos que levam o artesanato a desvirtuar o seu trabalho, achando-o inferior aos modelos de fora.
- Pressionam o artesanato com a imposição de prazos de entrega, alterando o ritmo natural de trabalho do mesmo, levando-o a diminuir a qualidade de acabamento das peças.

Figura 4- Labirinto



- Massificam o produto levando à manufatura massiva de peças iguais.

Não incorrendo nesses erros, os centros artesanais podem ser de grande valia na comercialização e valorização do artesanato.

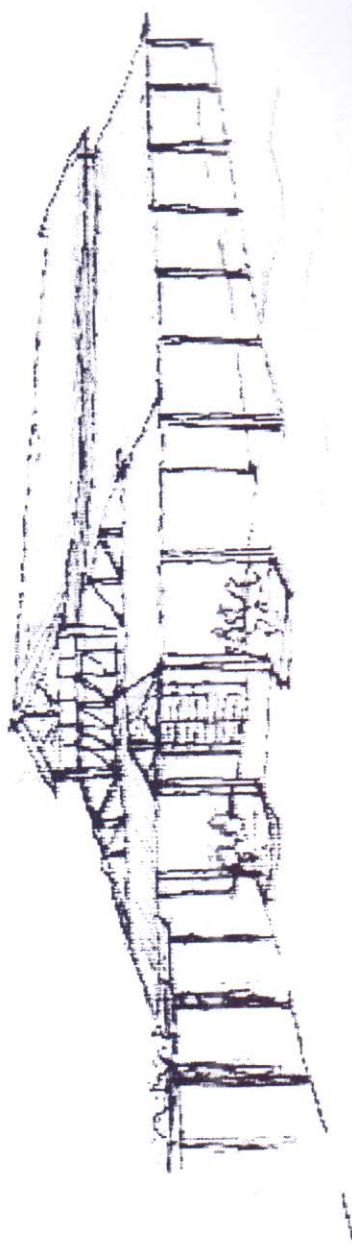
Cursos de Capacitação: É interessante que possam haver cursos de capacitação para o artesão, que possam, respeitando as características do artesanato local, inserir conceitos e tecnologias que, sem desvirtuar o seu trabalho, auxiliem o artesão a aumentar o padrão de qualidade de seus produtos. Cursos de gerenciamento, poderiam ensinar o artesão a administrar a sua produção, calcular seus custos, avaliar o mercado, levando-o a uma maior consciência do valor de seu produto e evitando a sua exploração.

O “atravessador” x Cooperativas: É preciso ainda, incentivar o surgimento e a manutenção de estruturas que permitam ao artesão comercializar seus produtos mais diretamente com o consumidor final, eliminando a figura do chamado “atravessador”. Entre estas destacamos as feiras de artesanato e as cooperativas artesanais. Com relação as últimas, entendemos que apoiá-las é uma forma poderosa de ajudar o artesão a :

- Se libertar da exploração de seu trabalho propiciando uma comercialização mais justa.
- Valorizar seu produto enquanto bem de cultura.
- Gerenciar melhor sua produção, resultando em uma melhor qualidade de vida de seus cooperados. Em suma, seguindo os pontos apresentados anteriormente, pode-se alcançar uma maior valorização do artesanato e ,por conseguinte, do artesão que o desempenha.

Figura 5- Potes





Justificativa

20

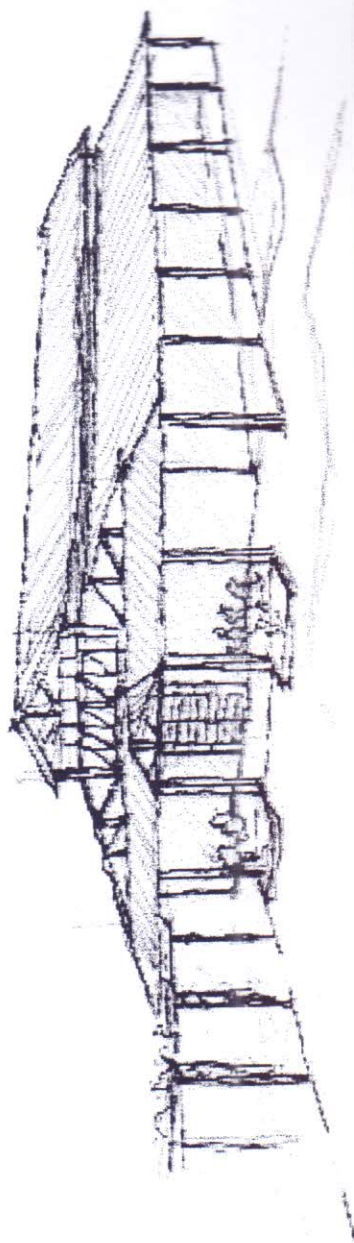
Um primeiro aspecto levado em consideração na escolha do tema foi o de ordem pessoal. Por ser artesão (Cadastrado na Central de artesanato do Ceará –CEART- e filiado ao sindicato dos artesãos autônomos do estado do Ceará – SIARA-), convivo com a difícil realidade de vida de muitos artesãos, no que se refere a:

- Dificuldade de comercialização de seus produtos.
- Intermédio de atravessadores em suas vendas.
- Falta de incentivo à sua produção.
- Desconhecimento de como calcular seus custos.
- Situações de exploração.
- Desvalorização de seus produtos pela população local.

Estes tópicos me levaram a um desejo de buscar uma estrutura mais justa para o artesão comercializar seus trabalhos, dando ao artesanato o valor cultural, social, e econômico que ele deve ter.

Uma cidade que se destaca no Ceará pela sua produção artesanal é Cascavel, onde podemos encontrar artesanatos de cerâmica, cipó, bambu, cordas, palhas, coxins, bordados, rendas, labirintos, Entre outros.

Sabendo ainda que Cascavel já possui uma cooperativa artesanal, surgiu a idéia de ampliar a sua atuação, criando um equipamento maior que englobe os aspectos tantos de produção e comercialização, como da difusão cultural e divulgação do artesanato de Cascavel, compreendendo ainda a capacitação dos artesãos.



Objetivos²³

Objetivos Gerais:

Como objetivos gerais do projeto, podemos citar:

- Promover a valorização da cultura e arte populares.
- Incentivar a manutenção do padrão de qualidade do artesanato de Cascavel.
- Monitorar a evolução do artesanato, buscando impedir a sua descaracterização.
- Promover um apoio à manutenção de técnicas artesanais tradicionais.
- Promover uma maior união dos artesãos através da cooperativa.
- Criar uma área pública de qualidade para uso da população.
- Proporcionar geração de renda através do artesanato.
- Criar um polo gerador de turismo para a região.
- Resgatar as qualidades da arquitetura regional cearense.

Objetivos específicos :

Culturais

- Apoiar a preservação da história e cultura populares de Cascavel.
- Contemplar as diferentes tipologias artesanais produzidas em Cascavel.
- Promover apoio à manutenção das técnicas artesanais tradicionais de Cascavel
- Apoiar grupos folclóricos de Cascavel..

Sociais

- Ser um ponto de encontro dos artesãos para a realização de fóruns, seminários, palestras, etc.
- Produzir um espaço para abrigar feiras de artesanato e outros eventos culturais.
- Criar um ponto de convivência para os moradores de Cascavel, possibilitando a realização de eventos comunitários

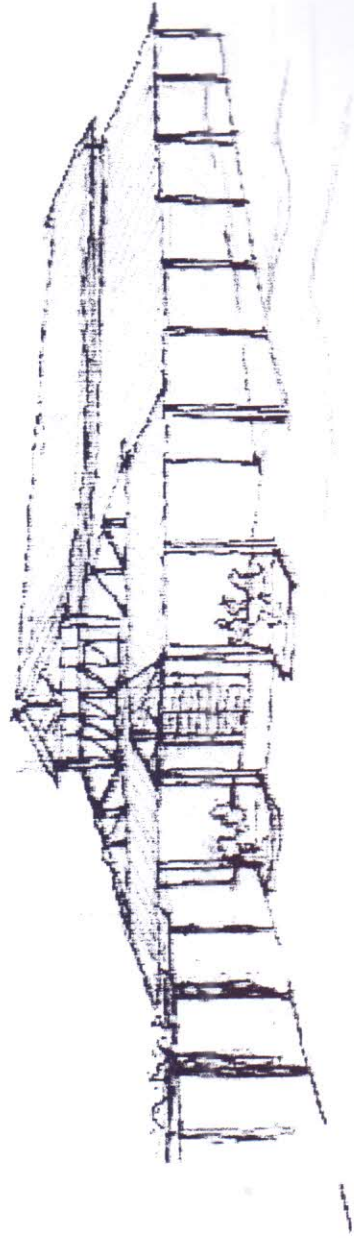
Econômicos

- Possibilitar uma geração de renda para as famílias que vivem do trabalho artesanal, mantendo-os em suas próprias localidades (seja na sede de Cascavel ou em seus distritos), minimizando o êxodo rural.
- Apoiar a comercialização dos produtos da cooperativa de artesanato de Cascavel, eliminando assim a figura do "atravessador".
- Capacitar o artesão quanto ao gerenciamento de sua produção e de seus custos.

Arquitetônicos

- Utilizar materiais construtivos da própria região, seguindo técnicas consolidadas na arquitetura vernacular cearense.
- Buscar tirar partido da paisagem existente integrando-a ao projeto, através de tratamento paisagístico adequado.

- Aproveitar um vazio urbano existente, que atualmente funciona como uma barreira, aproveitando suas potencialidades.



O Artesanato Cearense

27

O artesanato Cearense tem como principal característica ser o resultado da fusão das várias culturas que deram origem ao povo brasileiro. Com elementos indígenas, europeus e africanos, o Ceará goza de uma incrível diversidade de expressões e tipologias. Assim sendo buscamos reunir no quadro a seguir um resumo da inventividade do artesanato cearense, buscando as origens e características de suas tipologias.

Tabela 1 – CARACTERÍSTICAS E ORIGENS DO ARTESANATO CEARENSE

Tipologia	Produtos	Origem	Principais produtores
Labirinto	Jogos de cama, mesa, peças de vestuário e decorativas	Portuguesa	Acarau, Beberibe, Aracati, Cascavel e Fortaleza
Renda	Jogos de cama, mesa, peças de vestuário e decorativas,...	Portuguesa	Beberibe, Aquiraz, Aracati, Acarau e Trairi
Filé	panos de bandeja, caminhos de mesa, blusas, vestidos, toalhas de mesa, cortinas, ...	Indígena e Européia	Região Jaguaribana
Bordado	Artigos de cama, mesa e vestuário.	Ilha da madeira. Influência do bordado chinês, inglês, romeno, renda renascentista, crivo de Nisa.	Itapagé, Maranguape e Quixeramobim.
Tecelagem	Redes e mantas	Indígena	Fortaleza e Jaguaruana
Metal	Esculturas e utilitários	Européia	Fortaleza e Juazeiro do norte
Madeira	Mobiliário, santos, esculturas, engenhos de cana, talha.	Portuguesa	Fortaleza, Canindé, Cascavel, Juazeiro do Norte e Barbalha
Imaginário e lembranças	Medalhas, santinhos, ex votos, imagens		Juazeiro do norte e Canindé.

TABELA 1 (CARACTERÍSTICAS E ORIGENS DO ARTESANATO CEARENSE) cont.

Cerâmica	Jarras, potes, gamelas, pratos, filtros, Africana, indígena e portuguesa bacias, jarros, mealheiros, penicos, bules, balaios.		Cascavel, Ipú, Juazeiro do norte, Viçosa, Limoeiro do Norte e Caridade
Cestaria e trançado	Chapéus, Bolsas Esteiras, Vassouras, Sandálias, Abanos, Cacuás, Cestas, mobiliário.	Indígena	Cascavel, Sobral, Russas, Limoeiro do Norte, Jaguaruana, Aracati, Massapê, Crateús, Baturité, Camocim e Itaipaba.
Couro	Alpercatas, Sandálias, Sapatos, Chapéu, Gibão, Arreios, Selas	Península Ibérica	Aracoiaba, Itapiúna, Crato, Morada Nova, Jaguaribe, Tianguá.
Alimentos e bebidas	Tapioca, Rosca, Cuscuz, paçoca, doces, compotas, licores, Frutas Cristalizadas, Alfênim, cachaças, etc.	Africana, indígena e portuguesa	Fortaleza, Pacoti, Aracati, Pacajus, Horizonte e Viçosa

Fonte: informativo do CEART

Em Cascavel, em particular, encontramos um grande número de artesanatos (462 cadastrados pela CEART) , nas mais diferentes tipologias, como mostram os gráficos Seguintes :

Figura 6 – Desempenho de outras atividades geradoras de renda.

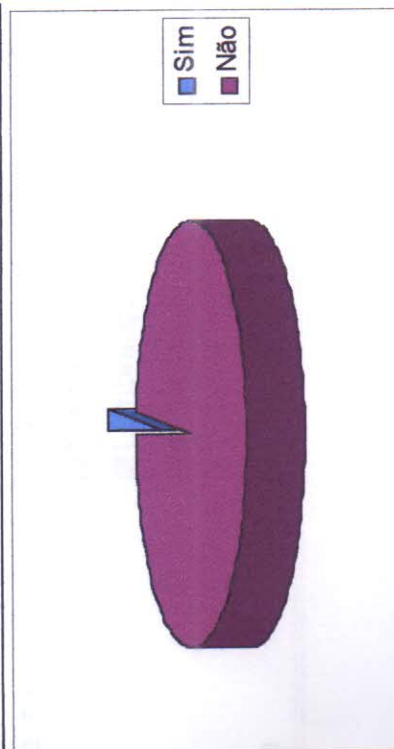
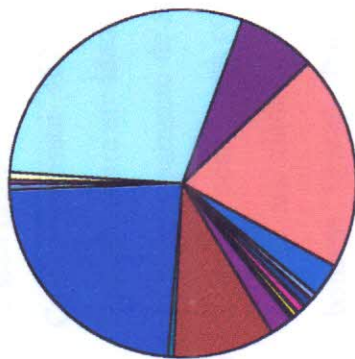


Figura 7 – Artesãos por Tipologias



- | | |
|---------------------|---------------------------|
| Alimentos e Bebidas | Artesanato das Confecções |
| Artístico | Bordado à mão |
| Bordado à máquina | Cerâmica |
| Croché | Flora Regional |
| Labirinto | Lembranças |
| Lúdico | Madeira |
| Pintura | Rendas |
| Tapeçaria | Trançado |

Figura 9 - Sexo

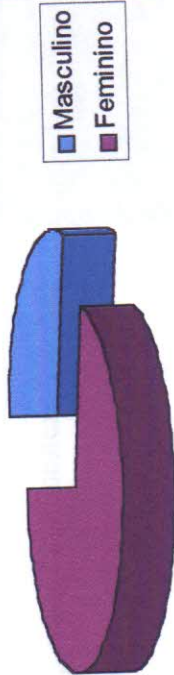
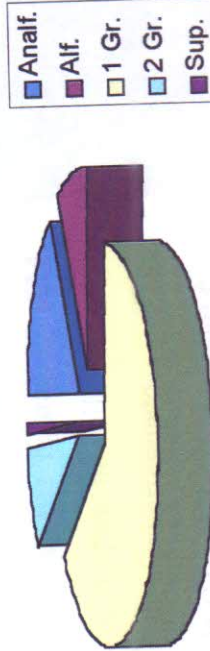


Figura 8 – Nível de Escolaridade



Destques do artesanato de Cascavel:

Deve-se ainda fazer alguns comentários sobre o artesanato cascavelense:

- Cascavel apresenta a produção de cerâmica mais representativa do estado.
- No trançado em cipó Cascavel também se destaca no cenário cearense, tendo como um de seus principais centros produtores a comunidade da Bica.
- Cascavel possui 462 artesãos cadastrados na CEART, sendo que destes, 356 não possuem outra atividade de renda. Assim sendo, existe um potencial para a implantação de um equipamento de apoio ao artesanato.
- Cascavel possui uma cooperativa artesanal que foi fundada em 1985, e congrega cerca de 152 associados produzindo trabalhos como : arranjos diversos, alimentos caseiros, bonecas típicas, bordados, crochê, confecções, cerâmica, cambitos, filé, gaiolas decorativas, móveis de cipó, madeira, palha, rendas, redes, santos variados, tapetes artesanais e metais. As figuras 10,11 e 12 mostram vistas da cooperativa.
- Existe uma feira que ocorre aos sábados tomando algumas ruas principais da cidade. No entanto a mesma está descaracterizada, como podemos perceber nas figuras 13 e 14, ocorrendo venda de produtos importados, CDs, calçados, roupas, mochilas, frutas e verduras, produtos industrializados em geral, havendo pouquíssimo artesanato.
- Existe um polo artesanal da prefeitura na entrada da cidade (Figura 16), no entanto é de se lamentar que este tenha sido construído sem levar em conta que a cidade já possuía

Figura 10- Interior Cooperativa



Figura 11- Exterior Cooperativa



uma cooperativa artesanal e nada foi feito na possibilidade de uma parceria entre ambos. Na verdade existe uma concorrência entre as duas entidades que é agravada pelo fato de que elas estão muito próximas uma da outra e pelo fato de que enquanto o polo da prefeitura está situado em uma edificação nova, conservada, a cooperativa funciona ainda na beira da estrada em edificações bastante deterioradas.

- Outro fato de que se lamenta é a falta de visão dos coordenadores e funcionários da cooperativa no que se refere à possibilidade de crescimento e melhora dos espaços e equipamentos da mesma, no que se refere ainda à possibilidade de aumentar seu campo de atuação. Tudo que eles possuem atualmente é o ambiente de vendas (a loja) onde são feitos o recebimento das mercadorias, a prestação de contas com os artesãos, a administração da cooperativa e todas as outras funções necessárias. Quando mostramos a eles a proposta do projeto, a possibilidade de crescimento, eles disseram que não era necessário, que já haviam crescido o suficiente, que não acreditavam que uma estrutura maior funcionaria para artesanato e que estavam satisfeitos com a situação atual.

Não concordando com a visão apresentada por eles este projeto foi desenvolvido com base em textos teóricos sobre artesanato, entrevistas com pessoas envolvidas com o assunto e visões pessoais, sobre o que seria uma estrutura capaz de ajudar o artesão, valorizar o seu produto como bem de cultura, promover o desenvolvimento

Figura 13- Interior Cooperativa



Figura 12 – Feira Livre de Cascavel



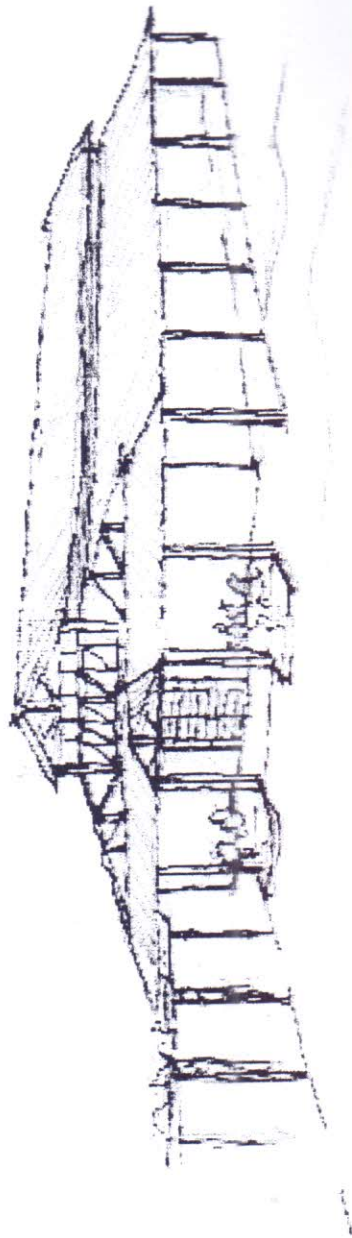
regional através do turismo e servir de espaço público para a própria população de Cascavel.

Figura 15- Feira Descaracterizada



Figura 14- Polo artesanal prefeitura





Aspectos Históricos e Geográficos / O Terreno

1- Aspectos Históricos:

Pela Resolução de 6 de maio de 1833, do conselho provincial, foi criado o município, com sede na povoação de Cascavel, então elevada a vila., alcançando os foros de cidade pela lei n. 2039, de 2 de novembro de 1883. O município chamou-se popularmente São Bento.

A freguesia foi criada sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, desmembrada das de Aquiraz e Aracati. O nome vem do sítio Cascavel, a que já fazia menção a data de terra concedida em 22 de Fevereiro de 1694, a Domingos Paes Botão e João da Fonseca Ferreira. No aludido sítio, Manuel Rodrigues da Costa e sua Mulher, Francisca Ferreira edificaram a capela de Nossa Senhora do Ó, à qual doaram por escritura de 7 de agosto de 1717, além de 24 vacas, as Terras que ainda hoje lhe servem de patrimônio.

Situando-se na linha histórica mais remota da colonização do Ceará, nas páginas de seu passado figuram nomes como do Célebre Padre Antônio Vieira, Do Frei Vidal da Penha, João Lopes Ferreira Filho, Abolicionista, entre outros.

2- Aspectos Geográficos:

A fim de melhor ilustrar alguns aspectos geográficos referentes a Cascavel apresentaremos algumas tabelas concernentes ao assunto:

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

Localização no Estado	Nordeste
Latitude(s)	4°7'59"
Longitude(w)	38°14'31"
Área(km²)	820,40
Altitude da sede(m)	34
Limites	
Norte	Oceano Atlântico, Pindoretama e Aquiraz.
Sul	Ocara e Beberibe.
Leste	Beberibe e Oceano Atlântico.
Oeste	Horizonte, Pacajus e Chorozinho.

Tabela 2 - Fonte: IBGE/ IPLANCE -Projeto Arquivo gráfico Municipal

DIVISÃO POLÍTICO ADMINISTRATIVA

DISTRITO	ANO DE CRIAÇÃO	INSTRUMENTO LEGAL
Cascavel (sede)	1833	Resolução
Guanacés	1890	Ato
Jacarecoara	1933	Dec. 1.156
Pitombeiras	1933	Dec. 1.156
Caponga	1951	Lei 1153
Cristais	1993	Lei 654

Tabela 3 - Fonte: IBGE/ IPLANCE Projeto Arquivo Gráfico Municipal.

UNIDADES FITOECOLÓGICAS

CLASSIFICAÇÃO

Cerrado
Complexo Vegetacional da zona litorânea
Floresta perenifolia paludosa marítima

Tabela 4 - Iplance- Atlas do Ceará-1997

CLIMA

TEMPERATURA

Média das mínimas 26
Média das máximas 31

Tabela 5 -Fonte: FUNCEME/ INMET

PLUVIOMETRIA (mm)

Normal	1996	1997
Observada	1332	1332
Anomalia	1517	903
	186	-429

Tabela 6 -Fonte: FUNCEME /INMET

1- O TERRENO

O terreno escolhido para a implantação do projeto situa-se na avenida principal da cidade (Avenida Edson Queiroz), estando a uma pequena distância da rodovia CE-04 e sendo portanto de fácil acesso. A escolha do terreno foi fundamentada no Projeto de graduação do arquiteto da prefeitura de Cascavel, José Raimundo Martins Júnior, no qual estão destacadas algumas áreas que atualmente funcionam como vazios urbanos e que segundo a sua proposta urbanística deveriam ser destinadas a abrigar equipamentos públicos comunitários.

A área específica escolhida para o terreno ocupa uma parcela de um desses vazios, na periferia do qual existem algumas pequenas edificações comerciais (ao longo da avenida principal), e algumas habitações, as quais poderiam ser remanejadas. O interior da área, entretanto, apresenta um grande potencial paisagístico, servindo sobremaneira à implantação de um espaço público de grande qualidade, tendo em vista que a arborização pública da cidade de Cascavel é deficiente.

O entorno da área escolhida é predominantemente horizontal, por ter a cidade, gabarito máximo de 18 metros, assim sendo o projeto facilmente se destacará como um marco na paisagem, tanto por sua escala, quanto por estar inserido em um espaço público aberto. A cidade em geral carece de espaços de uso para a população.

A horizontalidade da cidade favorece ainda a permeabilidade à ventilação natural, sendo isto um potencial a ser aproveitado no projeto. Nas figuras ao lado, podemos ter uma visão mais clara da área em questão.

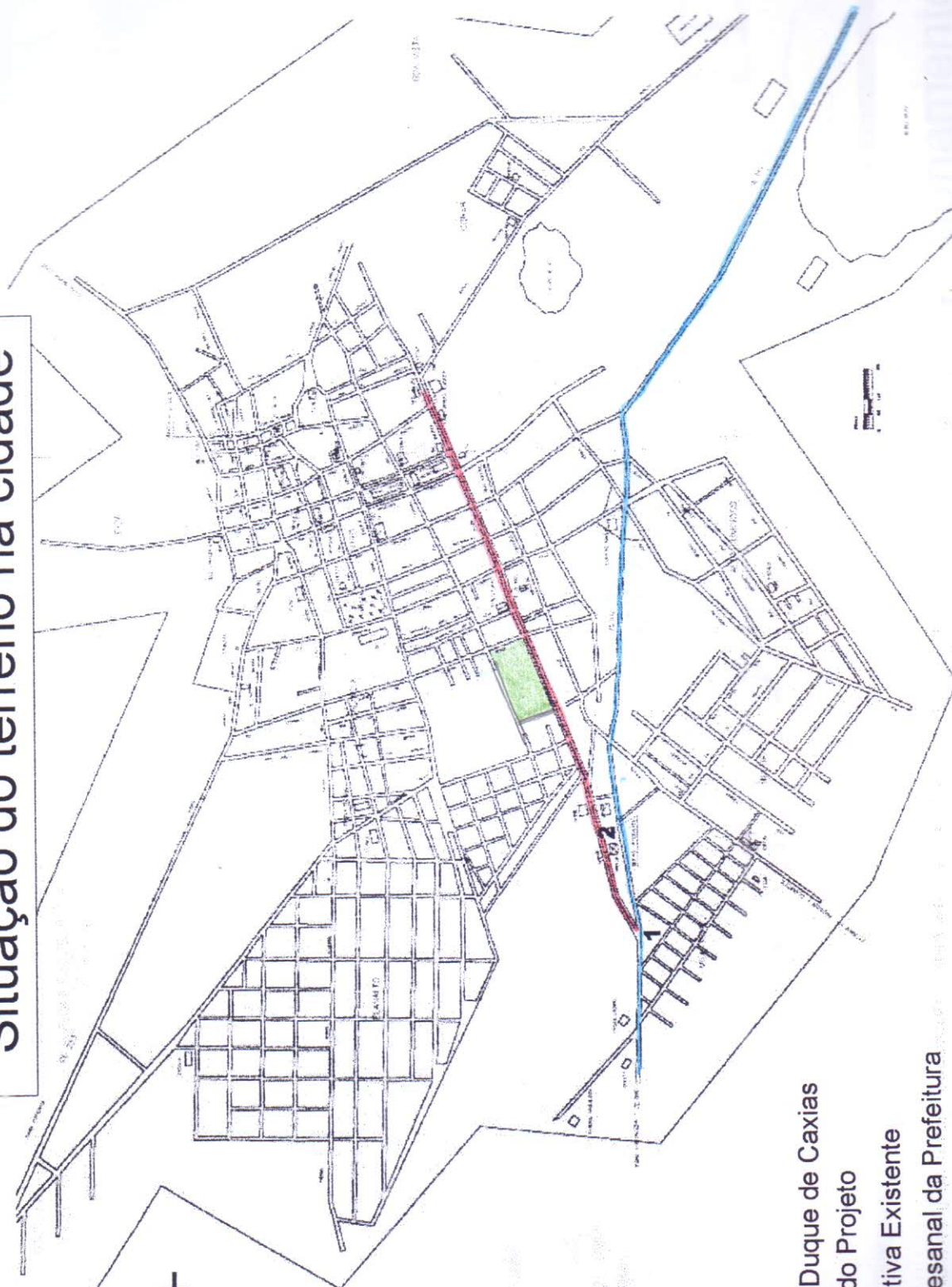
Figura 16- Vista do terreno



Figura 17- Vista do Terreno



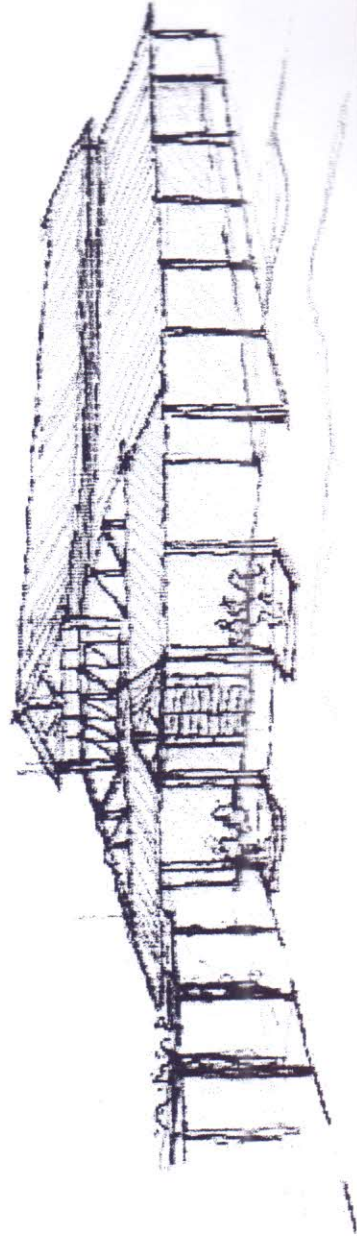
Situação do terreno na cidade



- CE-040
- Avenida Duque de Caxias
- Terreno do Projeto
- Cooperativa Existente
- Polo Artesanal da Prefeitura

1

2



Programa de Necessidades e Dimensionamento

Setor	Ambiente	Quantidade	Área Total(m²)
1.0 Administração			108
	1.1 Sala da diretoria	1	15
	1.2 Sala de Reuniões	1	15
	1.3 Setor Financeiro	1	15
	1.4 Recepção Administrativa	1	20
	1.5 Sala do Sindicato	1	15
	1.6 Copa	1	4
2.0 Loja	1.7 Sanitários	2	24
			555
	2.1 Área de exposição	1	500
	2.2 Recebimento/ Catalogação	1	50
	2.3 Balcão caixa/pacote	1	5
	2.4 Sanitários	2	24
			178
3.0 Setor de aperfeiçoamento	3.1 Oficinas	3	120
	3.2 Depósito	1	10
	3.3 Sanitário público	2	24
	3.4 Vestiários funcionários	2	24

4.0 Restaurante Regional

4.1 Hall	1	357
4.2 Bar	1	12
4.3 Área de mesas	1	10
4.4 Palco	1	170
4.5 Gerência	1	15
4.6 Cocção	1	12
4.7 Lavagem	1	12
4.8 Pré-preparo	1	10
4.9 Preparo	1	12
4.10 Copa	1	20
4.11 Carga/Descarga	1	10
4.12 Alimentos perecíveis	1	10
4.13 Depósito Material Limpeza	1	6
4.14 Câmara Frigorífica	1	6
4.15 Sanitário funcionários	2	4
4.16 Sanitário público	2	24
		24

5.0 Museu de arte e Cultura Populares

5.1 Área de Exposições	1	361
5.2 Secretaria	1	250
5.3 Sanitários	2	12
5.4 Acervo	2	24
5.5 Recepção	1	60
		15

6.0 Praça

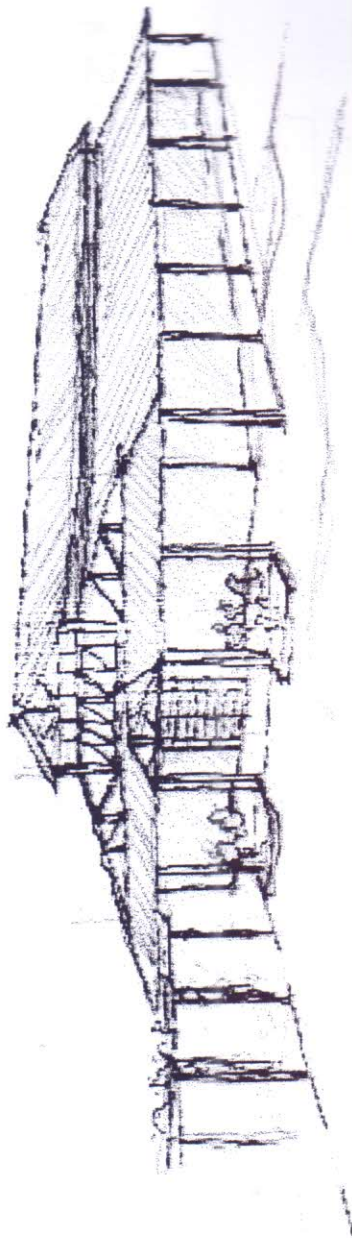
6.1 Anfiteatro		4690
6.2 Estacionamentos		350
6.3 Área aberta p/ eventos		2000
6.4 Play-Ground		1500
6.5 Campo de areia		200
		640

7.0 Infra-Estrutura

7.1 Casa de Bombas	1	47
7.2 Gerador	1	6
7.3 Subestação	1	16
		25
Total		6296

Resumo do Programa/Dimensionamento

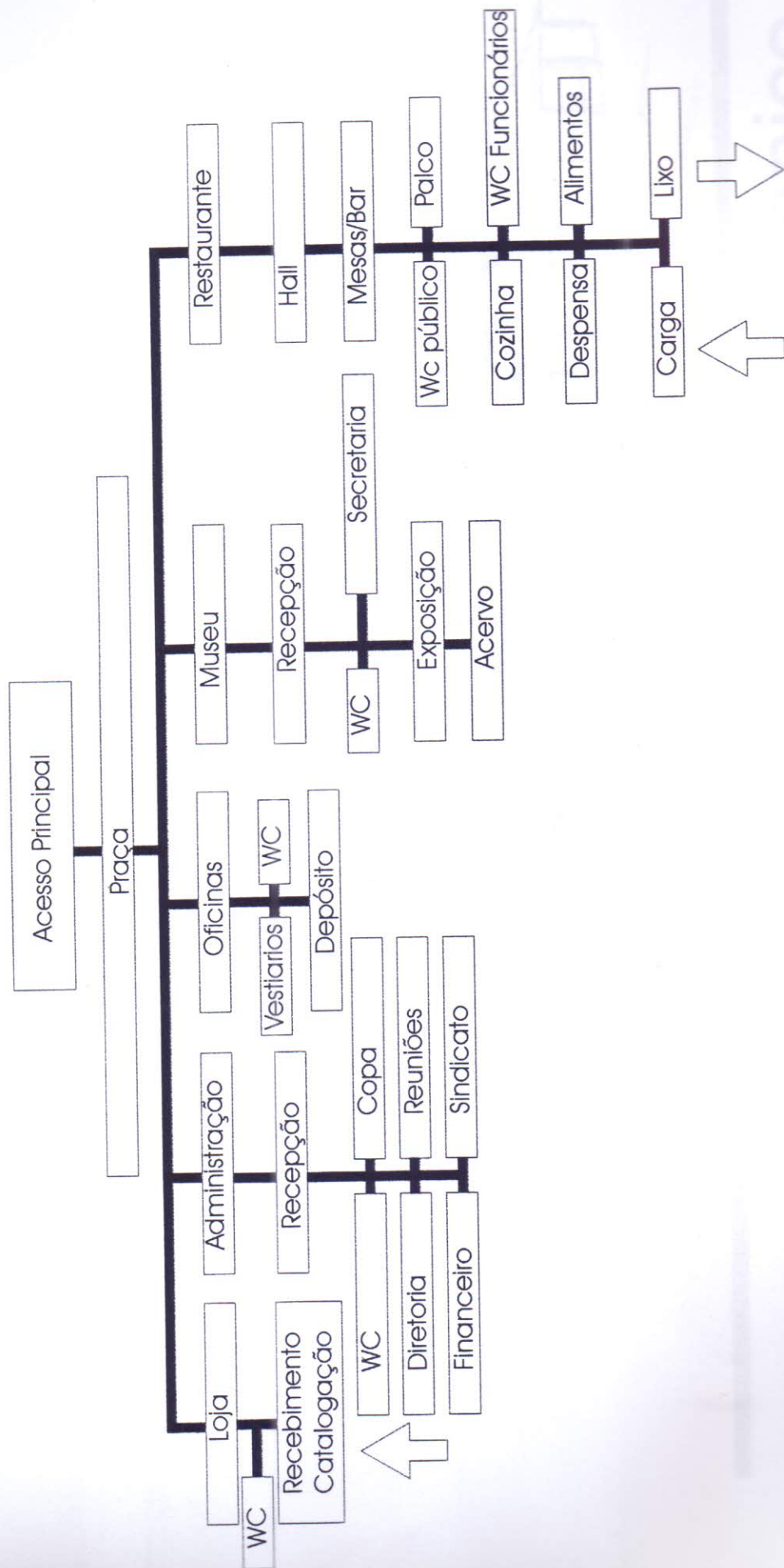
SETOR	AREA (m2)
ADMINISTRAÇÃO	108
LOJA	555
APERFEIÇOAMENTO	178
RESTAURANTE REGIONAL	357
MUSEU ARTE/CULTURA POPULARES	361
PRAÇA	4690
INFRA-ESTRUTURA	47
TOTAL	6296

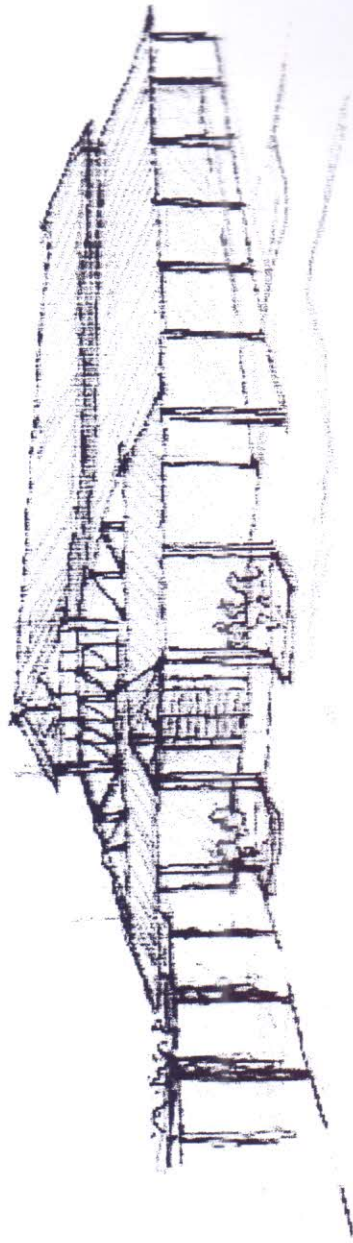


Fluxograma

43

Fluxograma





Partido Arquitetônico⁴⁵

As referências básicas que guiaram a elaboração da proposta arquitetônica foram os elementos característicos presentes na arquitetura cearense. Buscou-se assim criar espaços que possam levar o usuário a uma identificação com a sua cultura. Assim sendo são elementos presentes no projeto; as varandas ; os beirais generosos; as venezianas; os materiais regionais; os pés direitos em alguns pontos baixos revelando a escala humana e grandiosos em outros levando à criação de espaços amplos; a exaustão do ar quente pelo telhado; a busca de aproveitar a ventilação natural associada à proteção contra a insolação direta; e o uso de um sistema estrutural simples. Essas referências foram a tônica do projeto, buscando-se enfim apenas a beleza presente na simplicidade da arquitetura cearense.

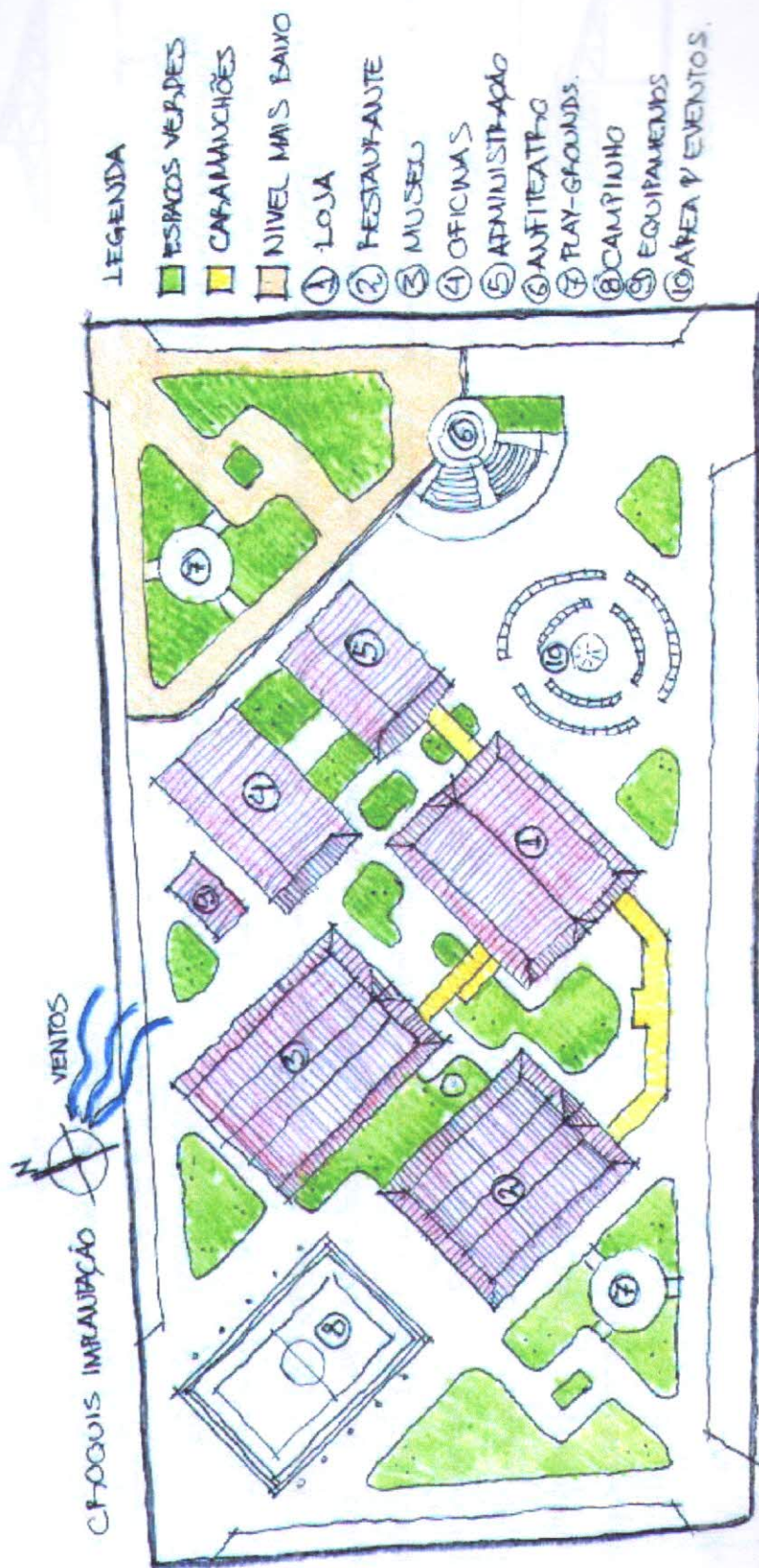
O programa: Explicitando melhor o programa, o projeto é composto de:

- Loja: Destinada à comercialização dos produtos da cooperativa, recebimento do material dos artesãos e sua catalogação.
- Museu de arte e cultura populares: Tem como principal objetivo incentivar a população em geral a perceber a importância de valorizar suas origens, sua cultura, sua identidade. Conta com espaço para exposição de obras artesanais, objetos referentes à cultura popular, painéis explicativos, fotos, etc.
- Restaurante Regional: Destinado a produção de pratos típicos da culinária cearense. Conta ainda com pequeno palco destinado à apresentação de repentistas, cantadores, grupos musicais, etc.

- Setor de Capacitação: Abriga fundamentalmente as oficinas destinadas à capacitação dos artesãos com cursos de aperfeiçoamento, cursos gerenciais, oficinas abertas à comunidade, palestras, etc.
- Administração: Concentra as funções administrativas da cooperativa, sala da delegação regional do SIARA(sindicato dos artesãos autônomos do estado do Ceará) e Setor financeiro.
- Anfiteatro: Destinado a eventos culturais comunitários.
- Campo de futebol de areia.
- Área aberta para feiras ou eventos. (Onde seriam utilizadas barracas ou *stands* desmontáveis)
- Parques infantis

A implantação dos equipamentos do programa e o desenho da praça se deram segundo uma malha disposta na direção predominante dos ventos, criando uma maior unidade de desenho para o projeto. Os elementos do programa foram dispostos em edificações distribuídas ao longo desta malha criando entre elas uma série de caminhos e perspectivas diferentes para o indivíduo que se desloca entre elas.

Figura 18- Croquis de implantação



Foram utilizados na praça caramanchões, caminhos pavimentados e caminhos de pedras que se interceptam, gerando diferentes possibilidades de articulação ao longo do projeto, além de comporem espaços de permanência e uso pela população.

Pretende-se distribuir ao longo da praça, nas áreas verdes, esculturas artesanais, criando uma exposição permanente ao ar livre, valorizando ainda mais o percurso do usuário.

A praça se desenvolve em dois níveis básicos acompanhando a declividade natural do terreno. Aproveitando esta diferença de nível o anfiteatro foi locado de modo a minimizar a necessidade de movimento de terra.

Estrutura x Vedação: Os edifícios são constituídos de uma estrutura de pilares de concreto (revestidos externamente de tijolos aparentes) e vigas de concreto, sobre os quais se apoiam telhados de telhas de barro e estrutura em madeira. Procurou-se uma modulação adequada para a estrutura buscando a racionalização da construção. Com este intento chegou-se a três soluções estruturais básicas se adaptando aos elementos do programa. As soluções apresentam uma unidade de linguagem, de modulação, de vedação e esquadrias constituindo um conjunto harmônico.

Como vedação foi escolhido o tijolo comum aparente associado a esquadrias de veneziana e vidro (combinando ventilação e iluminação naturais), buscou-se aproveitar em geral as vigas da estrutura como vergas das esquadrias racionalizando a construção.

A distribuição dos ambientes em cada edificação é bastante simples, não havendo em geral perdas de espaço com circulação.

Figura 19- Croquis estrutural 1



Figura 20- Croquis estrutural 2

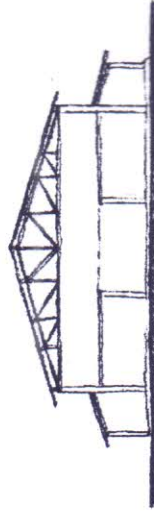
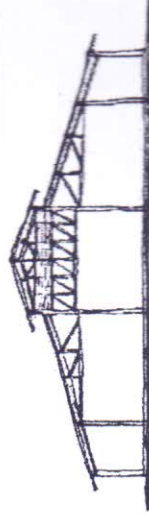


Figura 21- Croquis estrutural 3



O **conforto ambiental** é garantido pela adequada proteção contra a insolação, garantida pelos beirais, varandas, pergolados, caramanchões; associada a uma ventilação cruzada gerada pelo sistema de venezianas na esquadrias e nas tesouras do telhado (protegendo ainda da entrada de chuvas). Todas as edificações contam ainda com exaustão do ar quente pelo telhado propiciando assim uma constante circulação do ar. A iluminação natural nos ambientes é provida ora pela presença do vidro nas venezianas, ora pela localização estratégica de faixas de telhas de vidro em determinadas partes do telhado. Os ambientes em geral não possuem forro, exceto quando a função pede o contrário (copas, depósitos...).

A praça é dotada de caramanchões, que permitem uma circulação semi protegida do sol, que se abrem em alguns pontos criando locais de permanência. Pretende-se ainda aproveitar a arborização existente nas áreas destinadas à vegetação possibilitando amenizar a temperatura do ambiente externo.

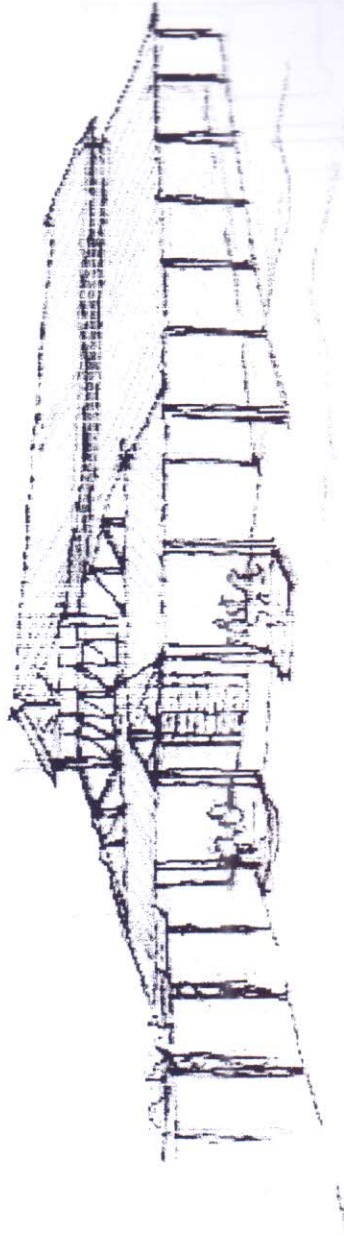
Os **materiais construtivos** são simples e próprios da arquitetura cearense: Tijolo de barro, telha de barro colonial, madeiramento do telhado, esquadrias de madeira. A estrutura de concreto armado vem integrar-se aos elementos citados dando um toque moderno à aparência das edificações. O guarda corpo da escada da loja é feito em madeira com um trabalho artesanal de macramé em corda de sisal. O pavimento da praça é de blocos de concreto e a estrutura do anfiteatro e da caixa d'água são de concreto armado.

Em resumo, o projeto busca criar uma atmosfera simples e agradável para o usuário que utiliza as edificações ou simplesmente circula pelas áreas externas, buscando suprir sua função

Figura 22- Croquis Restaurante



básica de dar ao artesanato uma estrutura adequada para que ele possa se desenvolver, se valorizar, gerar renda para si e sua família ao mesmo tempo que passa para as gerações futuras a beleza de sua arte e de sua cultura.



Projeto Arquitetônico

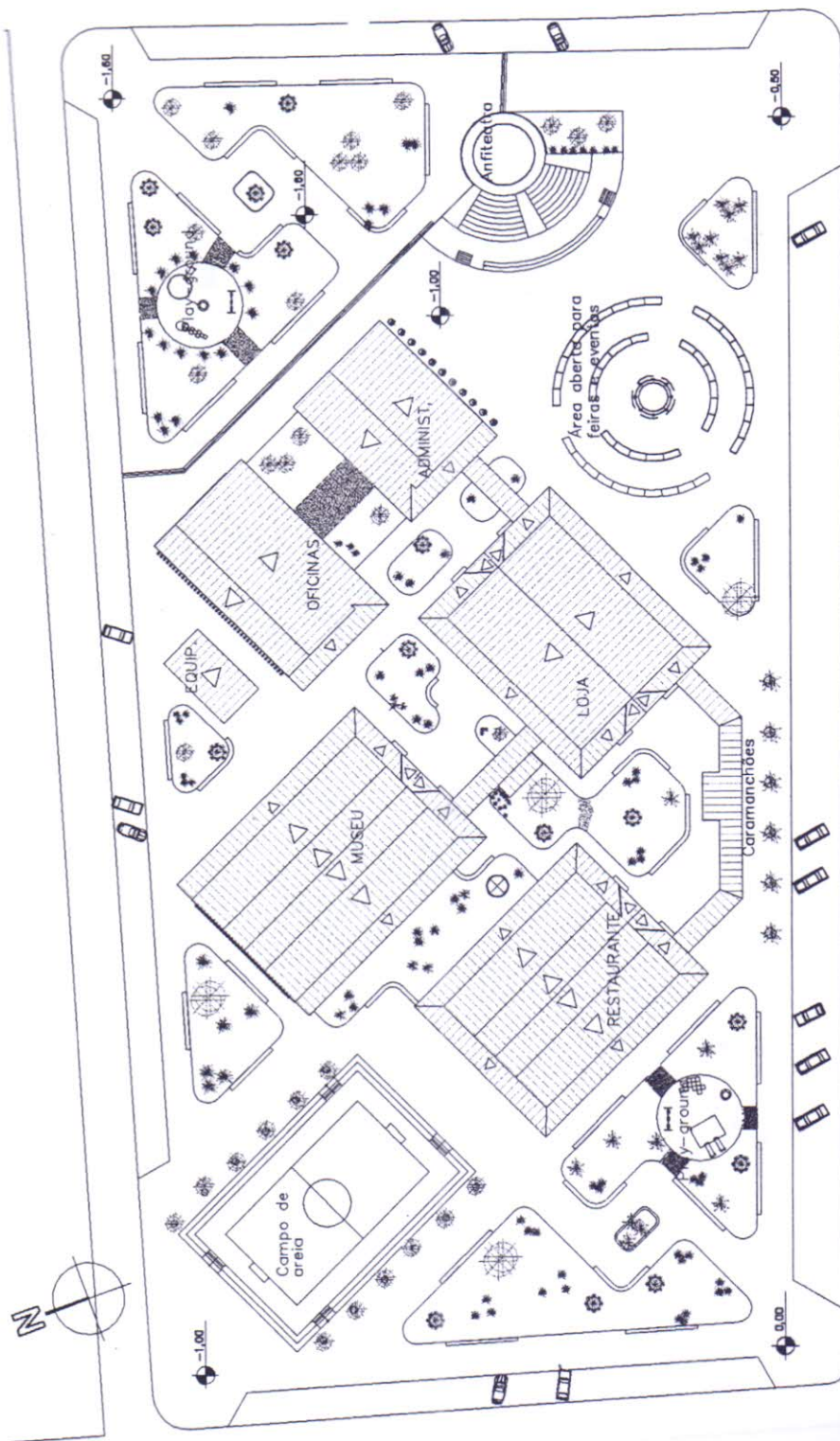
26



Planta de Situação

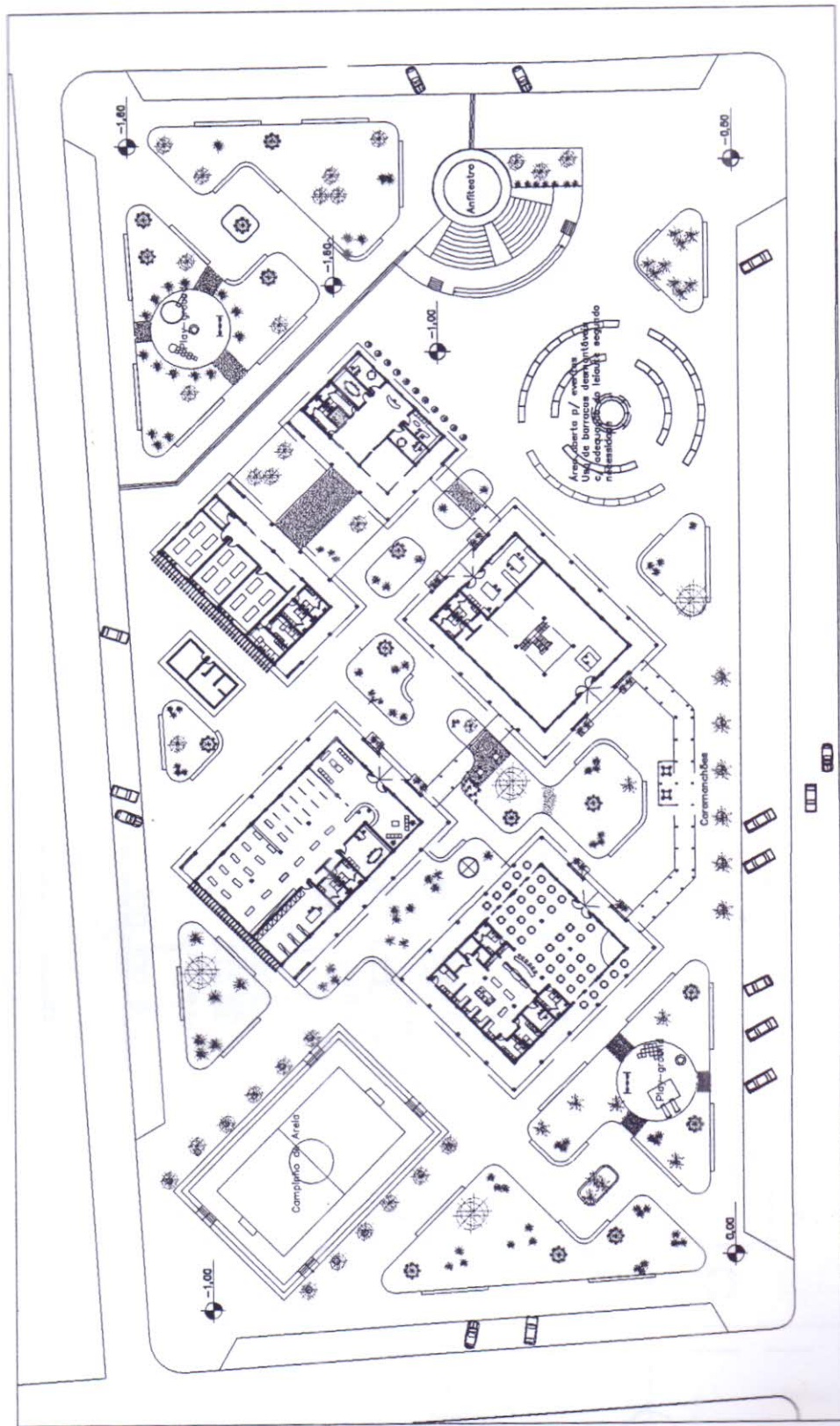
1/2000

01

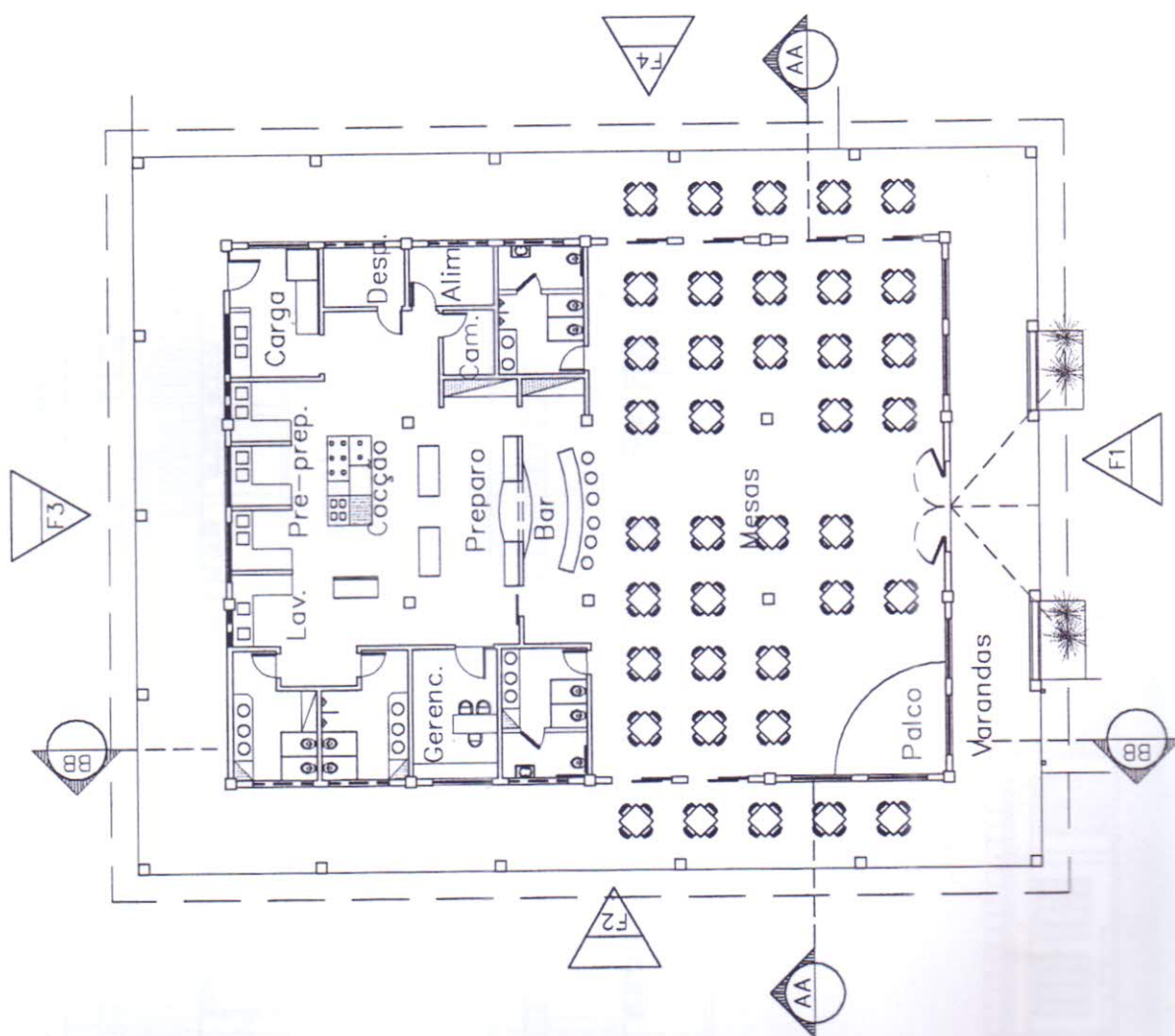


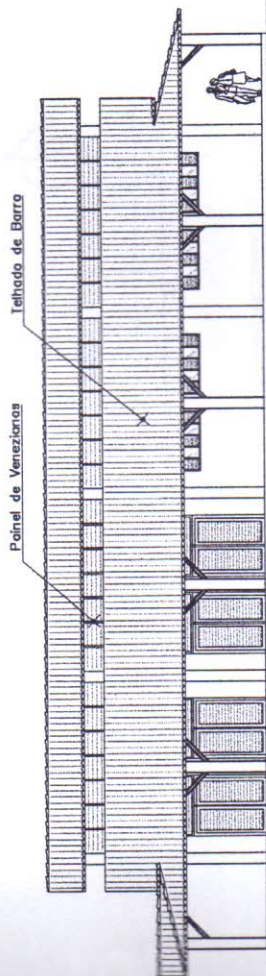
01 Implantação/Coberta
esc.: 1/250

Obs. Ver p.ºs
próximos seguintes



Obs. Ver plantas ampliadas nas
páginas seguintes.



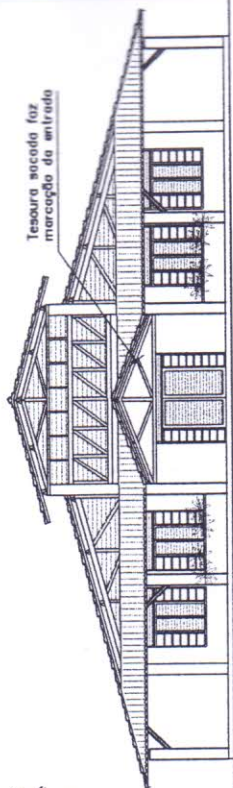


Panel de Venezianas

Telhado de Barro

01 Fachada F4 Restaurante

esc.: 1/250



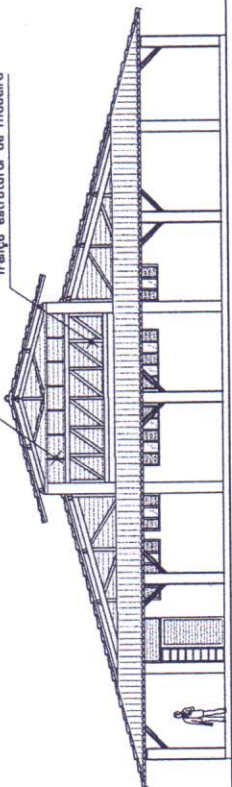
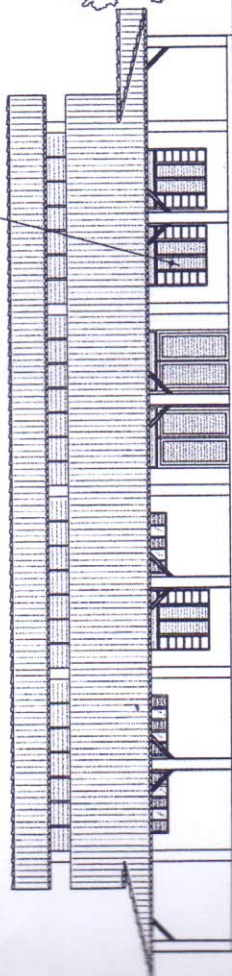
Tesouro ascenda faz
mercado da entrada

02 Fachada F1 Restaurante

esc.: 1/250

Esquadrias em vidro
e venezianas

Panel de venezianas
Trelça estrutural de madeira

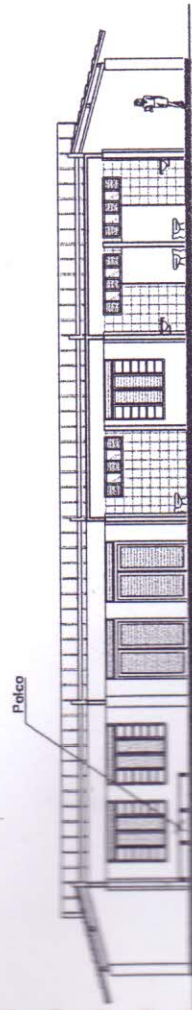


03 Fachada F2 Restaurante

esc.: 1/250

04 Fachada F3 Restaurante

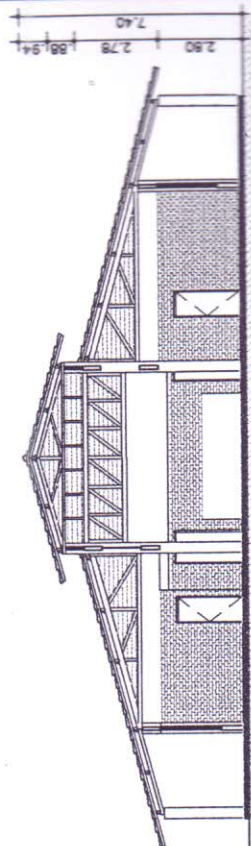
esc.: 1/250



Polco

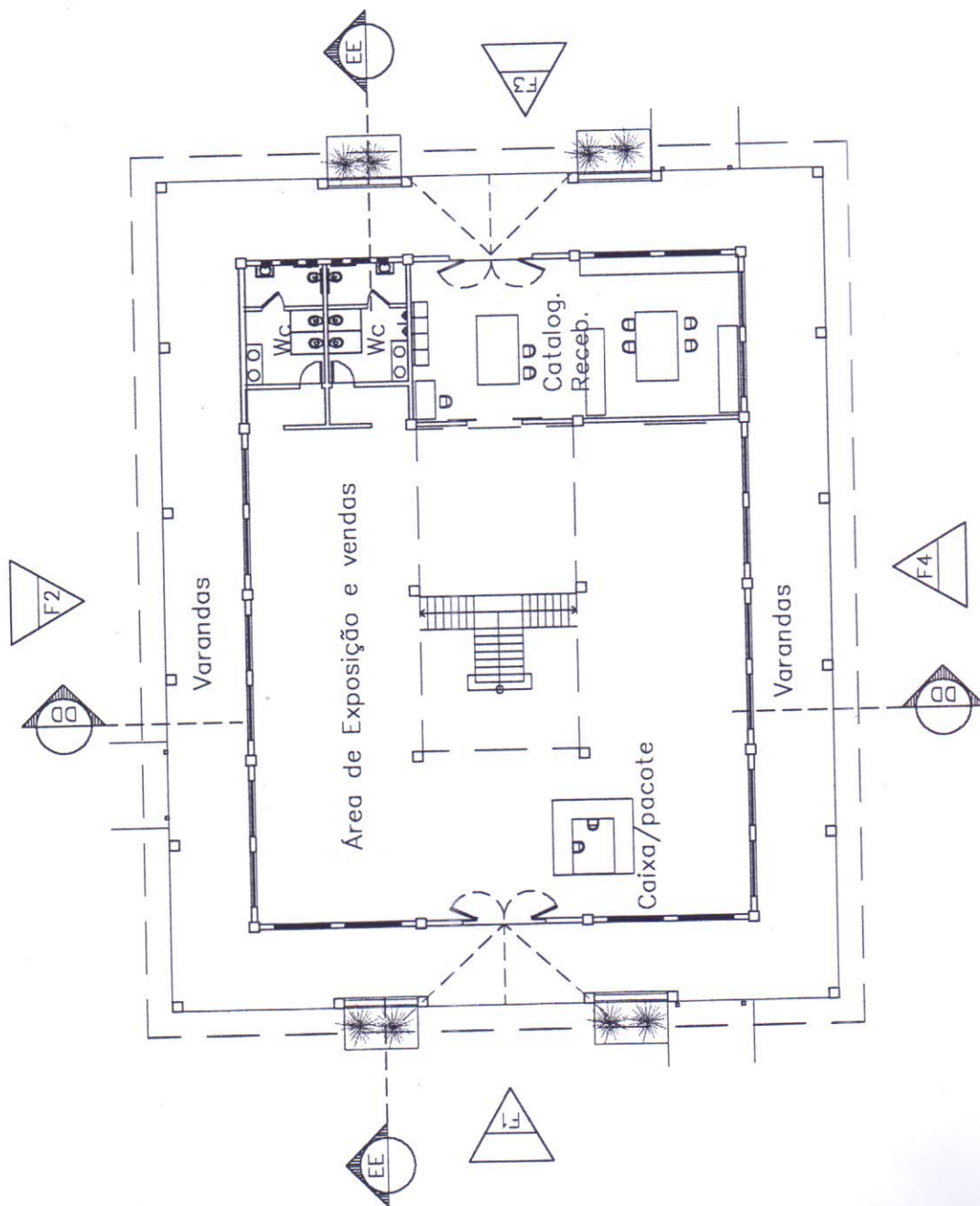
05 Corte BB Restaurante

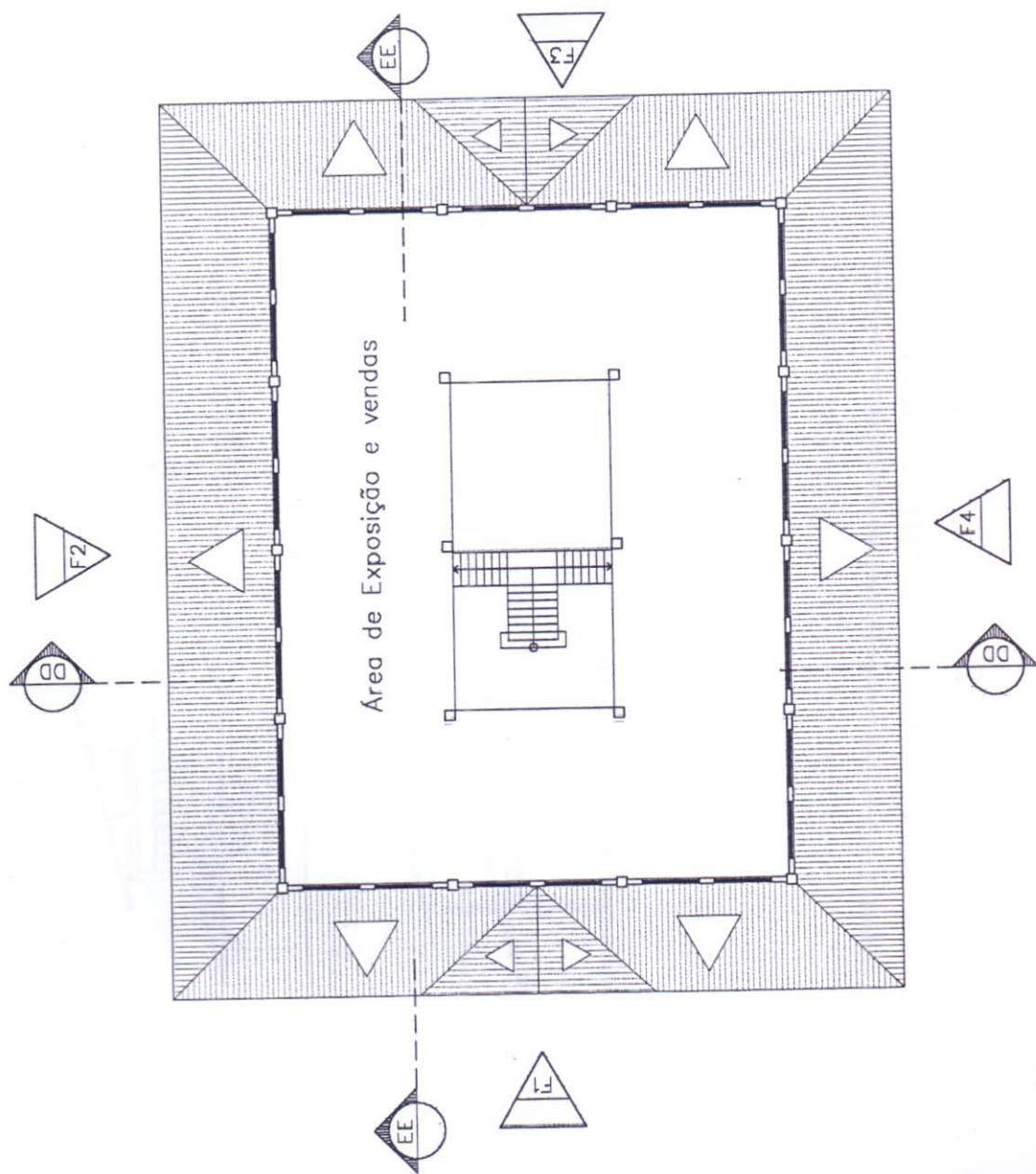
esc.: 1/250

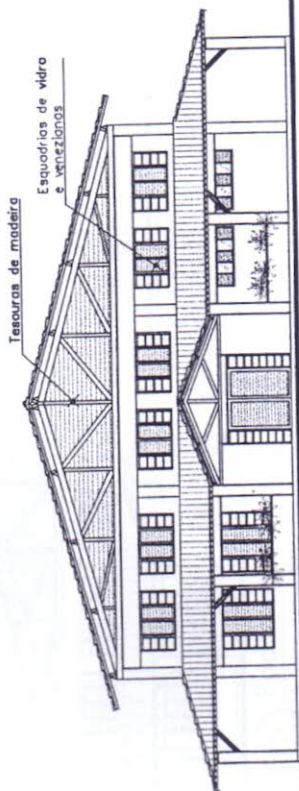


06 Corte AA Restaurante

esc.: 1/250

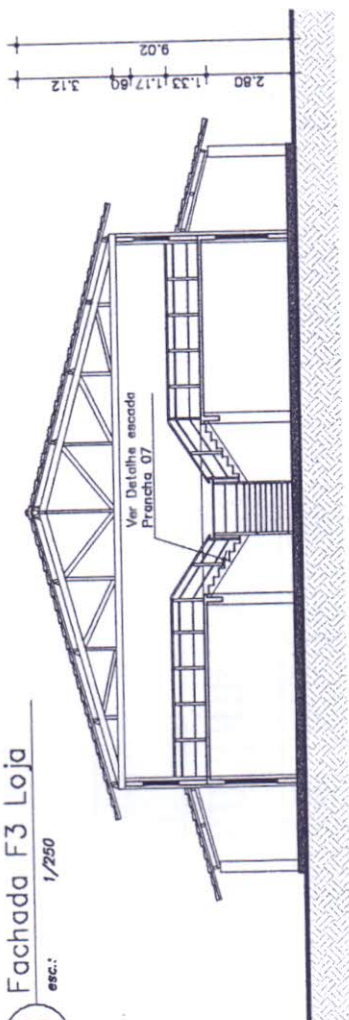






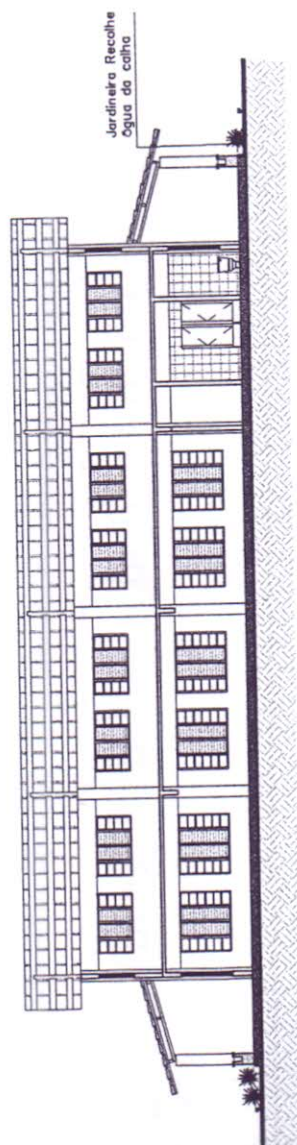
01 Fachada F3 Loja

esc.: 1/250



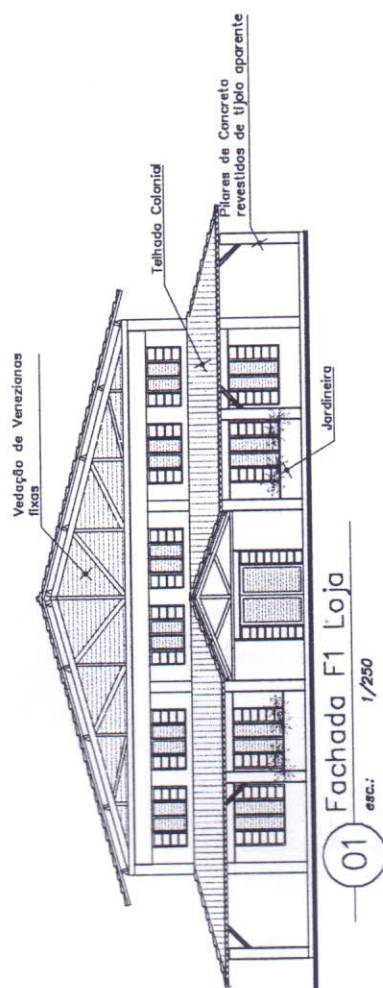
02 Corte DD Loja

esc.: 1/250

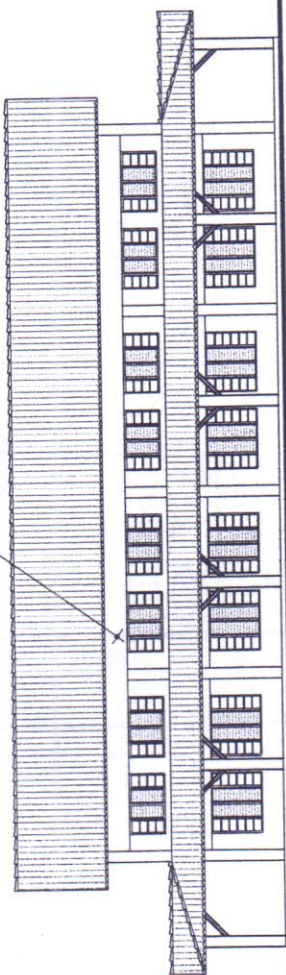


03 Corte EE Loja

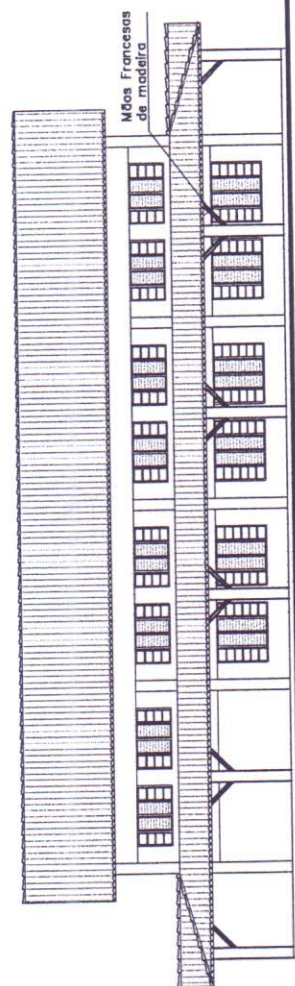
esc.: 1/25



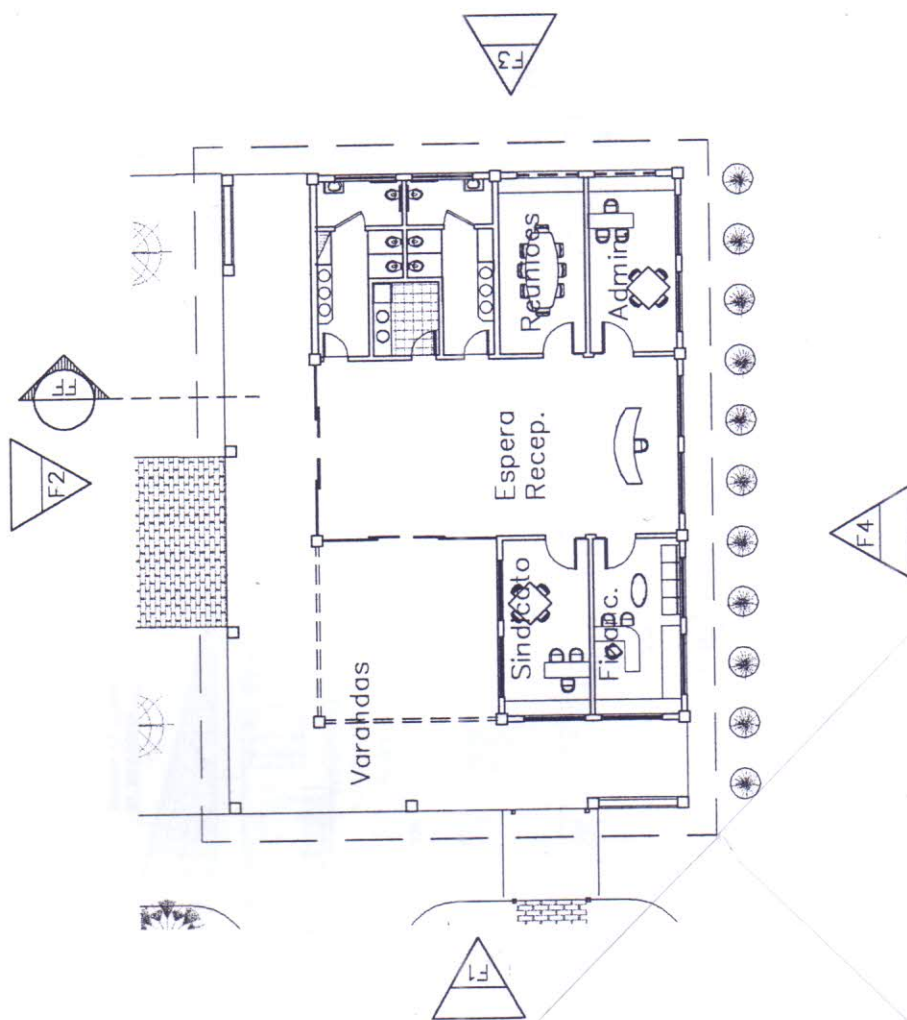
Vigas de Concreto aparentes
funcionam como verga



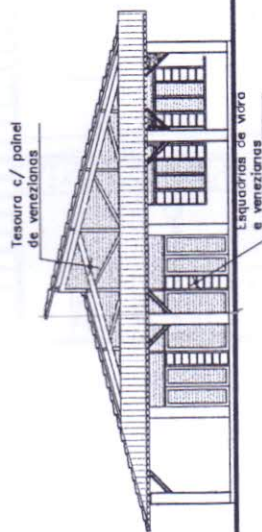
02 Fachada F4 Loja
esc.: 1/250



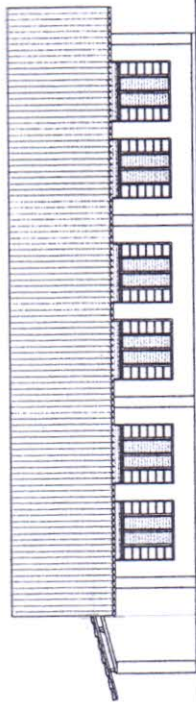
03 Fachada F2 Loja
esc.: 1/250



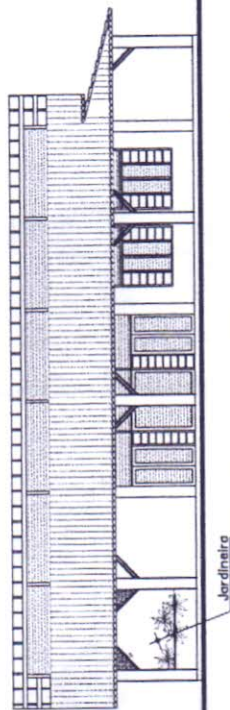
01 Planta Administração
esc.: 1/250



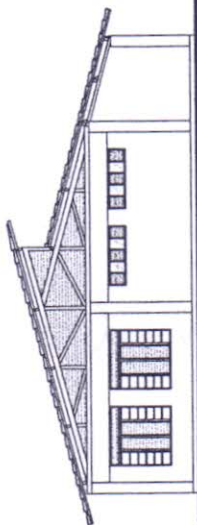
01 Fachada F1 Administração
esc.: 1/250



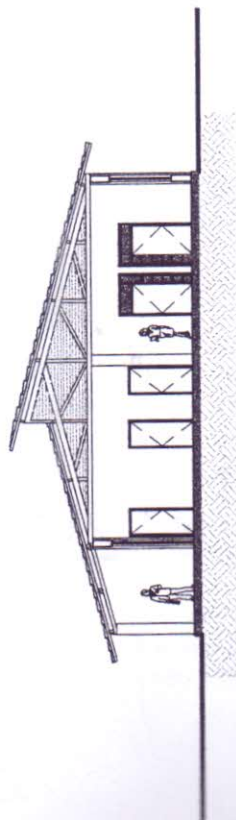
02 Fachada F4 Administração
esc.: 1/250



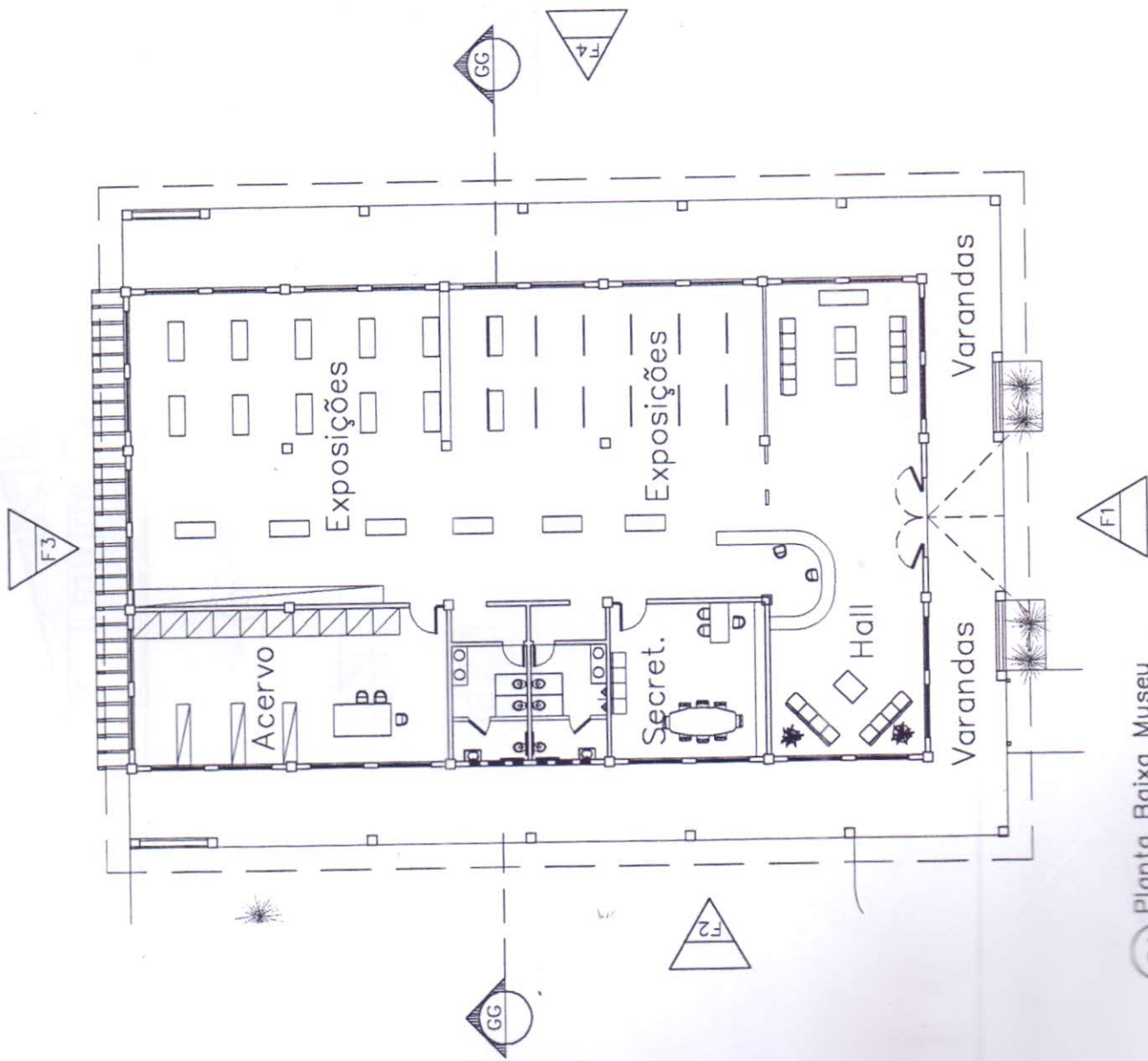
03 Fachada F2 Administração
esc.: 1/250

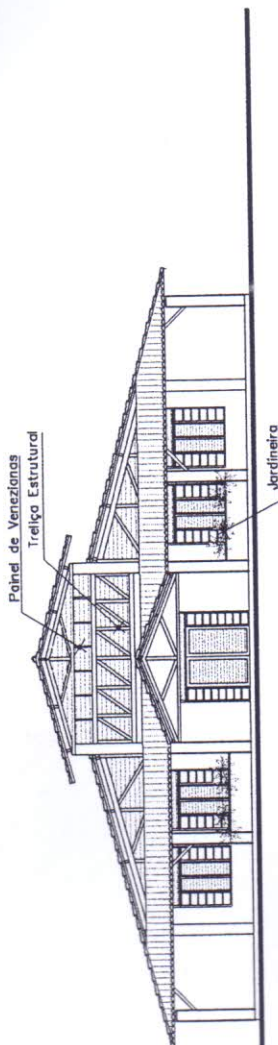


04 Fachada F3 Administração
esc.: 1/250

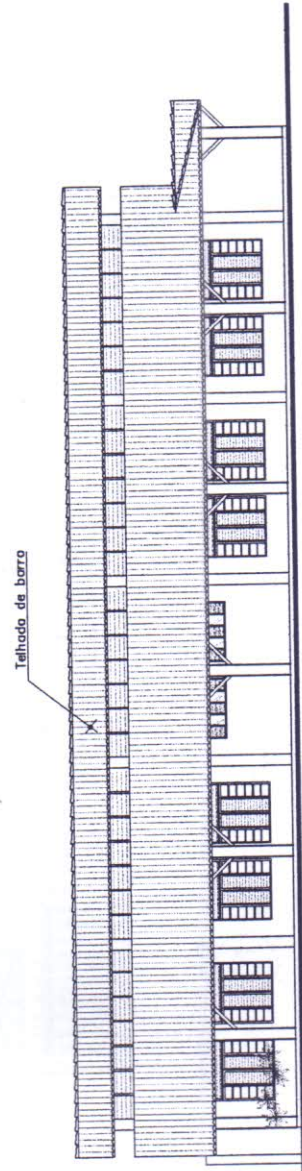


05 Corte GG Administração
esc.: 1/250

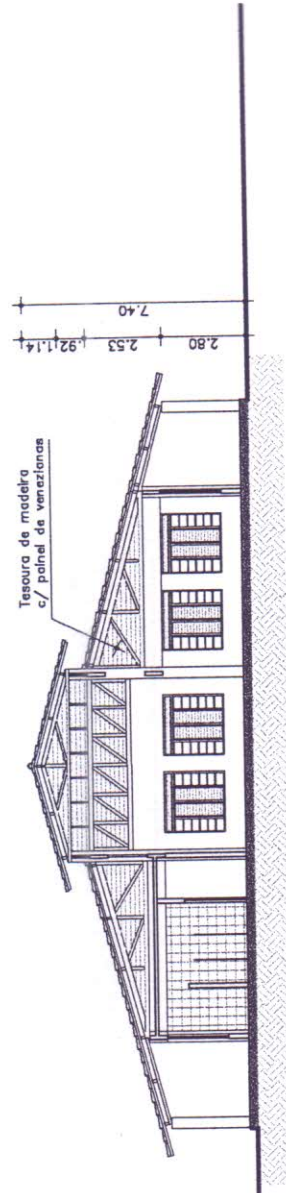




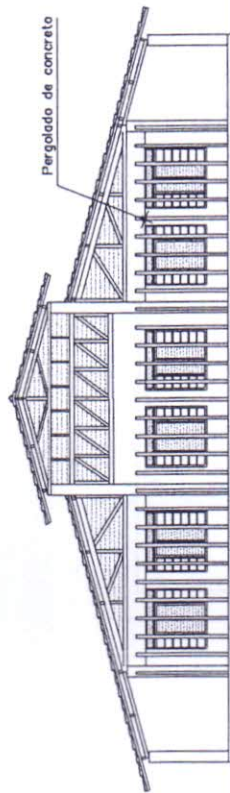
01 Fachada F1 Museu
esc.: 1/250



02 Fachada F2 Museu
esc.: 1/250



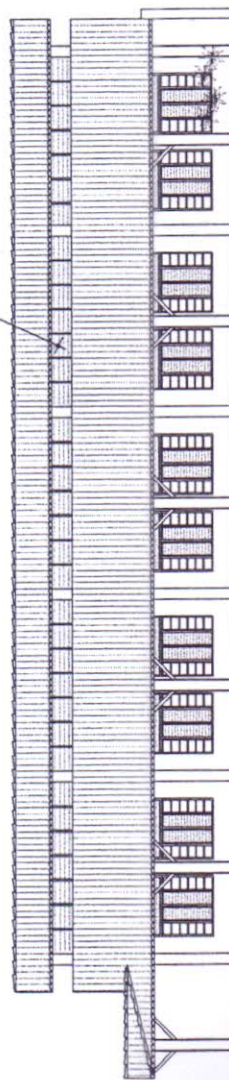
03 Corte GG Museu
esc.: 1/250



01 Fachada F3 Museu

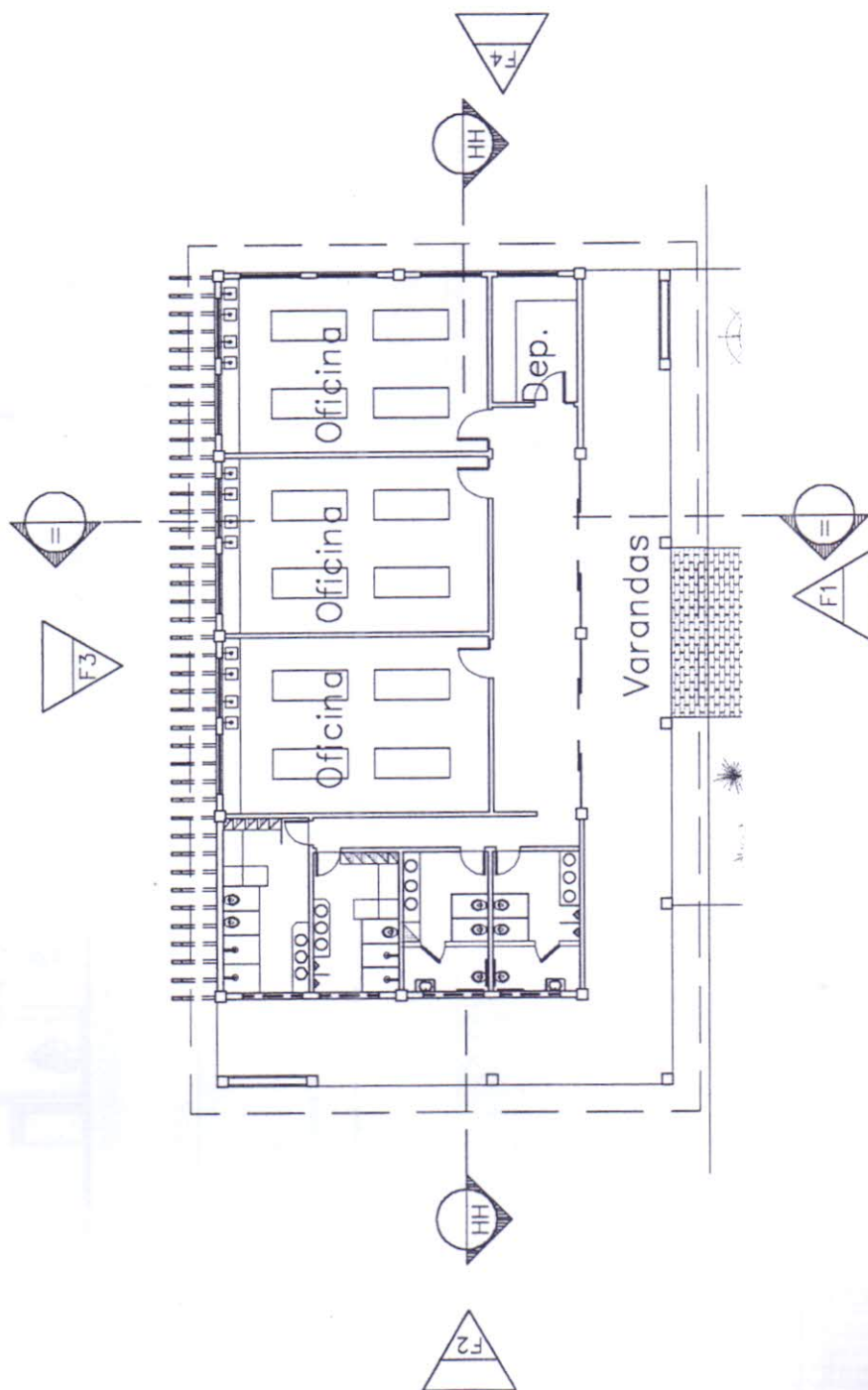
esc.: 1/250

Panel de Venezianas

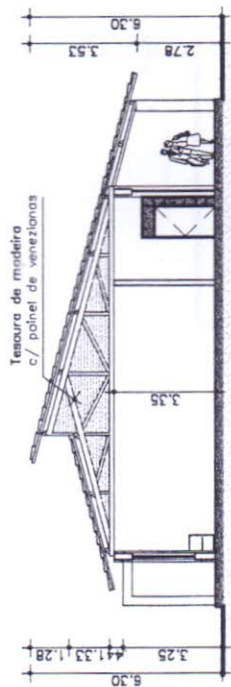


02 Fachada F4 Museu

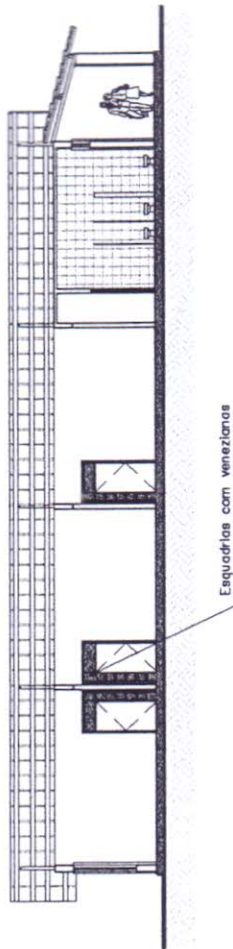
esc.: 1/250



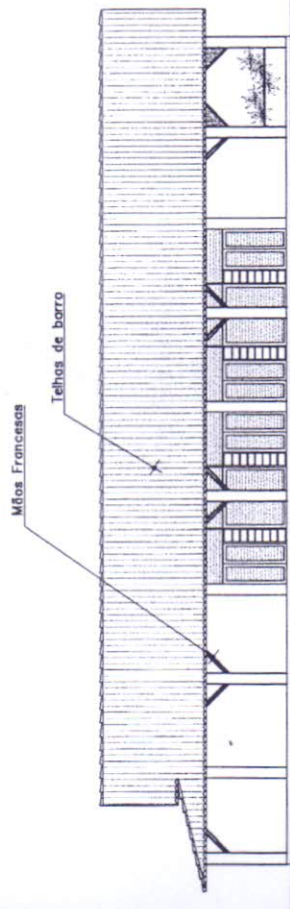
01 Planta Baixa Oficinas
esc.: 1/250



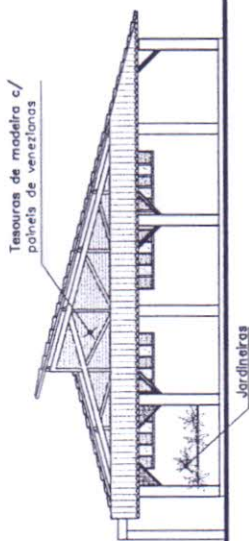
01 Corte II Oficinas
esc.: 1/250



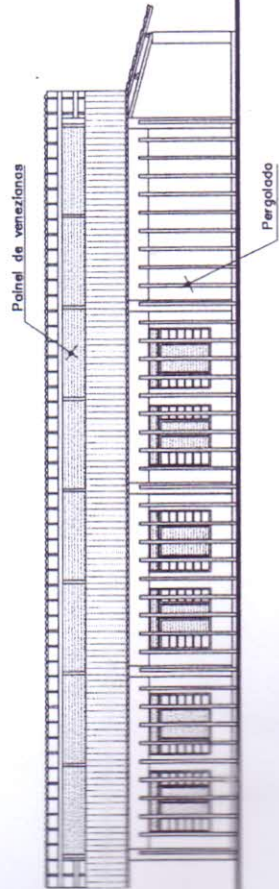
02 Corte HH Oficinas
esc.: 1/250



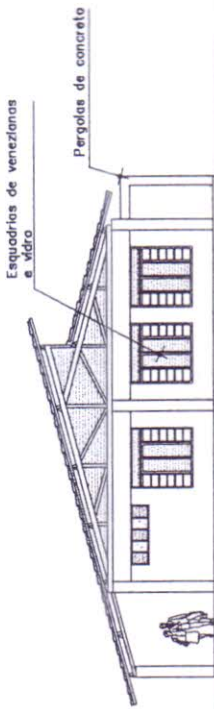
03 Fachada F1 Oficinas
esc.: 1/250



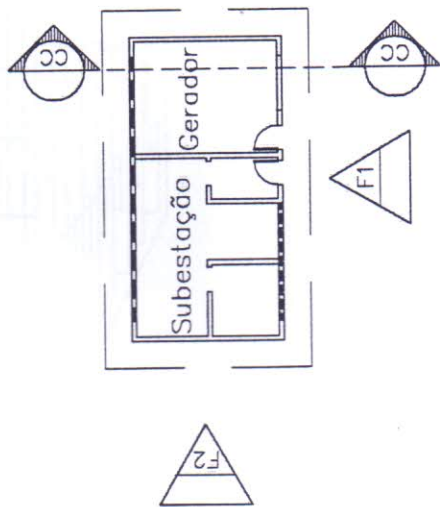
04 Fachada F2 Oficinas
esc.: 1/250



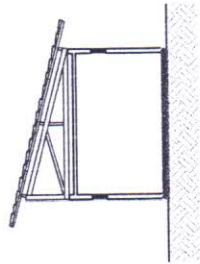
05 Fachada F3 Oficinas
esc.: 1/250



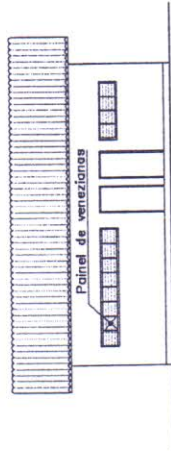
06 Fachada F4 Oficinas
esc.: 1/250



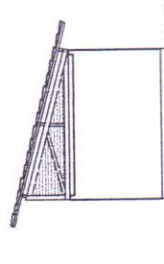
01 Planta Baixa Equipamentos
esc.: 1/250



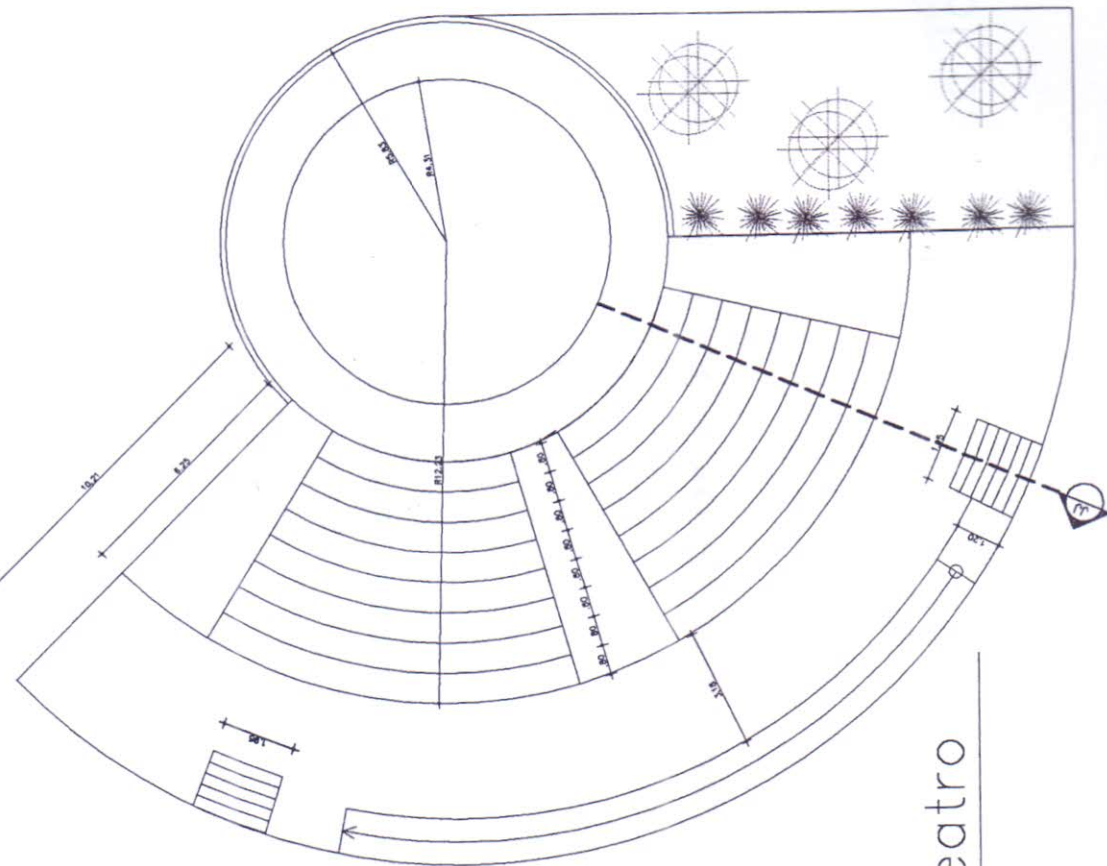
02 Corte CC Equipamentos
esc.: 1/250



03 Fachada F1 Equipamentos
esc.: 1/250



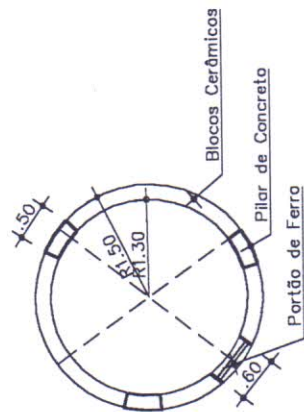
04 Fachada F2 Equipamentos
esc.: 1/250



02

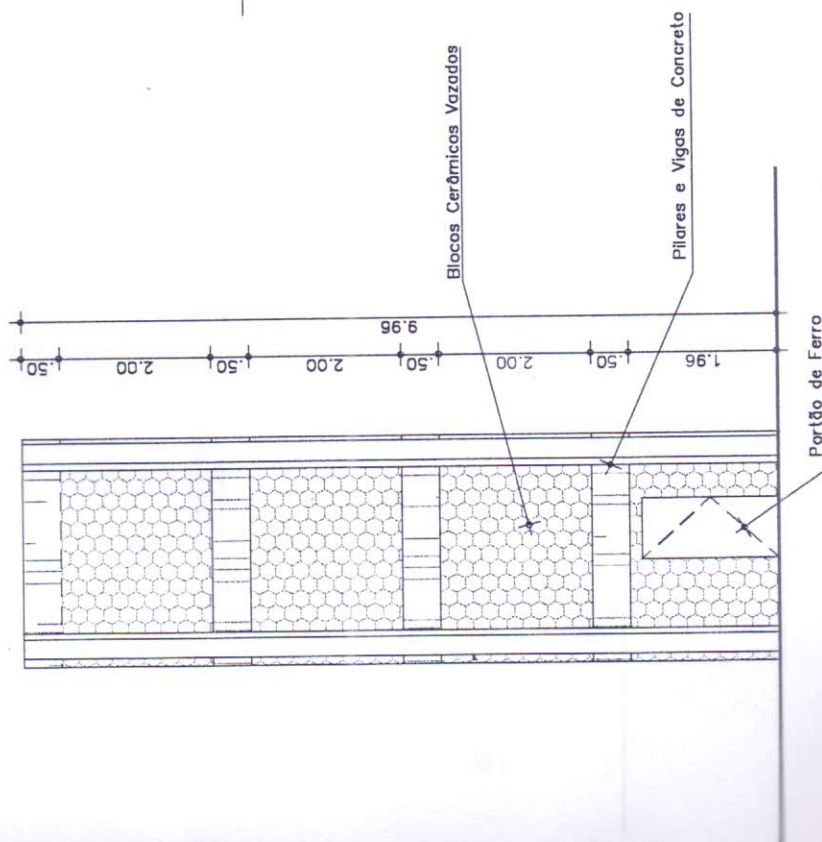
Planta Anfiteatro

esc.: 1/200



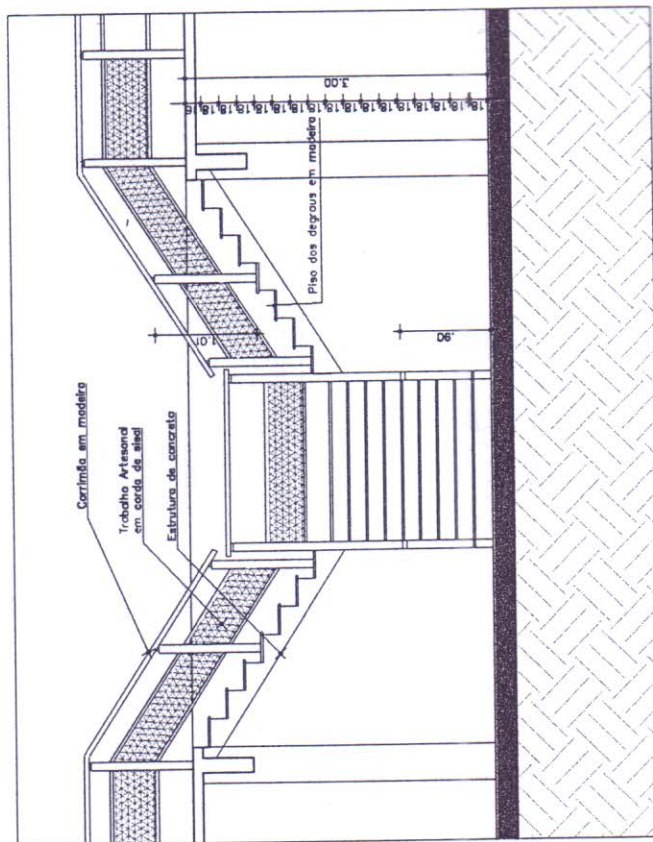
02 Planta Caixa d'água

esc.: 1/100



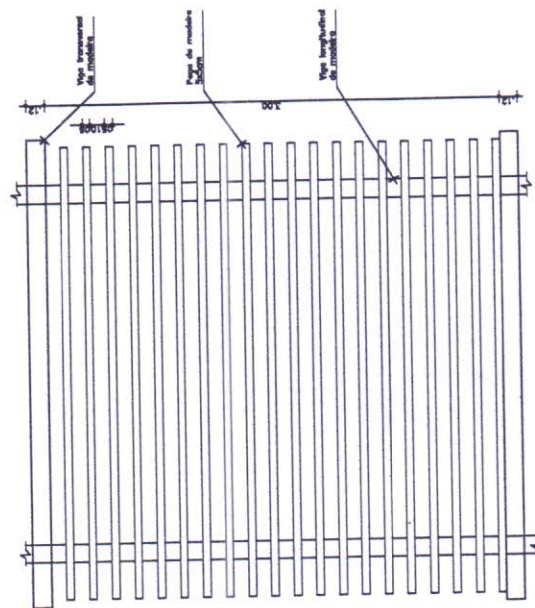
01 Vista Caixa d'água

esc.: 1/100



03 Vista Frontal escada loja

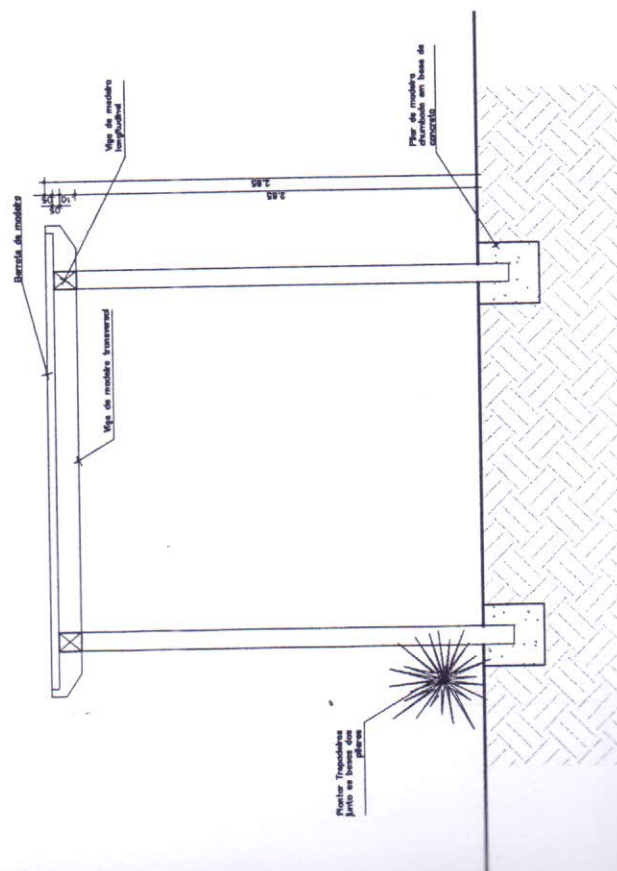
esc.: 1/75



Vista superior Caramanchão

02

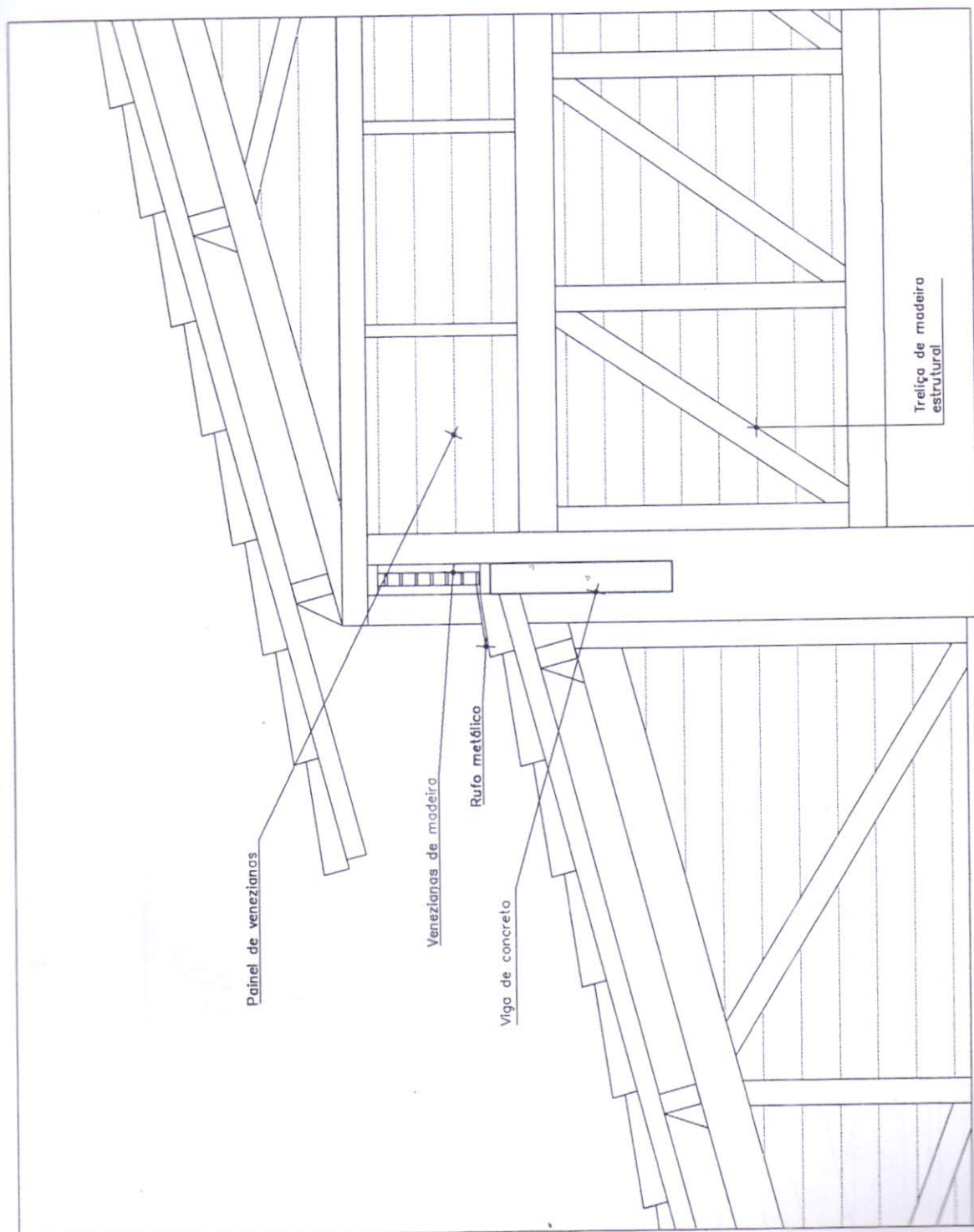
esc.: 1/50



Vista frontal Caramanchão

01

esc.: 1/50

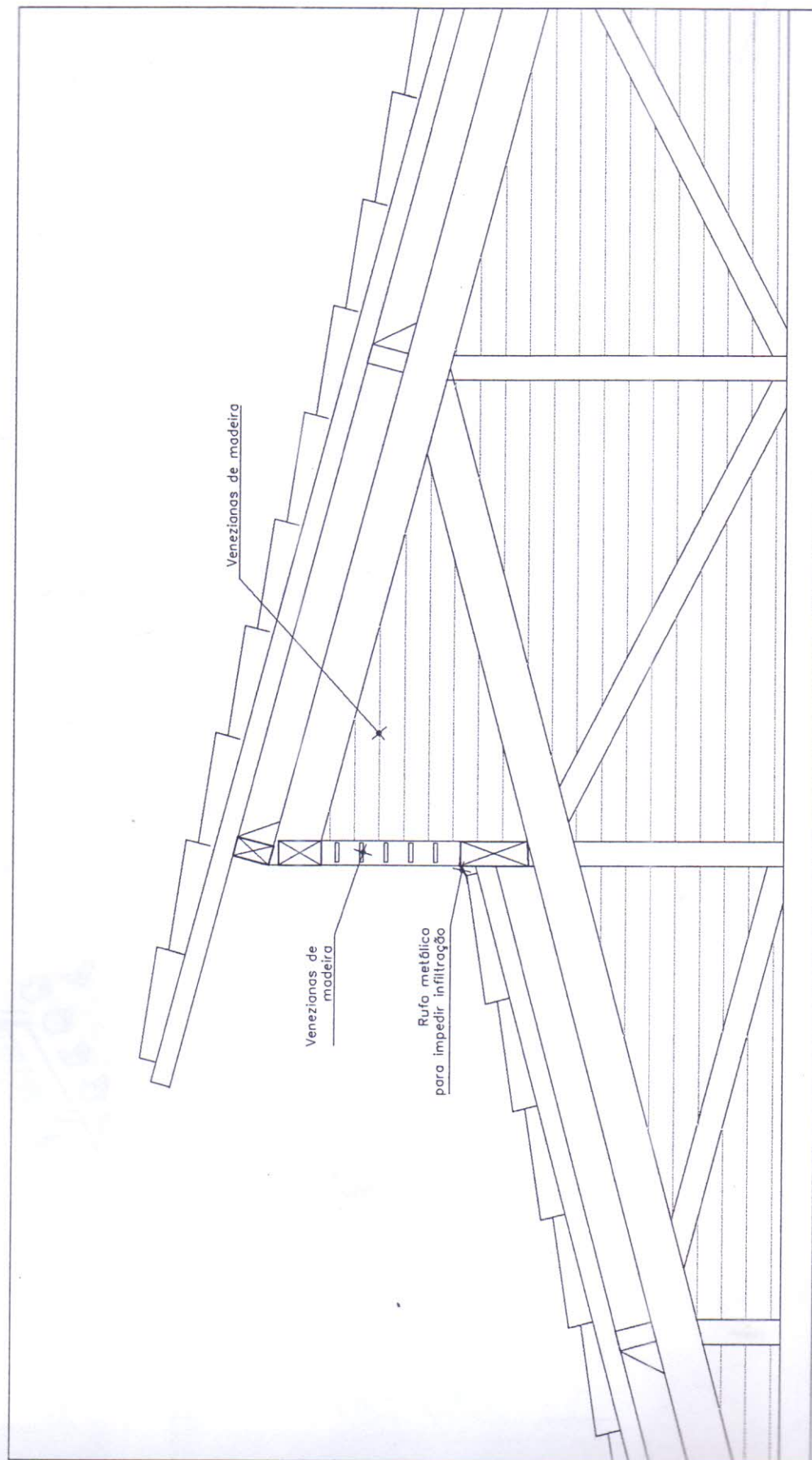


Detalhe telhado Restaurante

01

esc.:

1/25

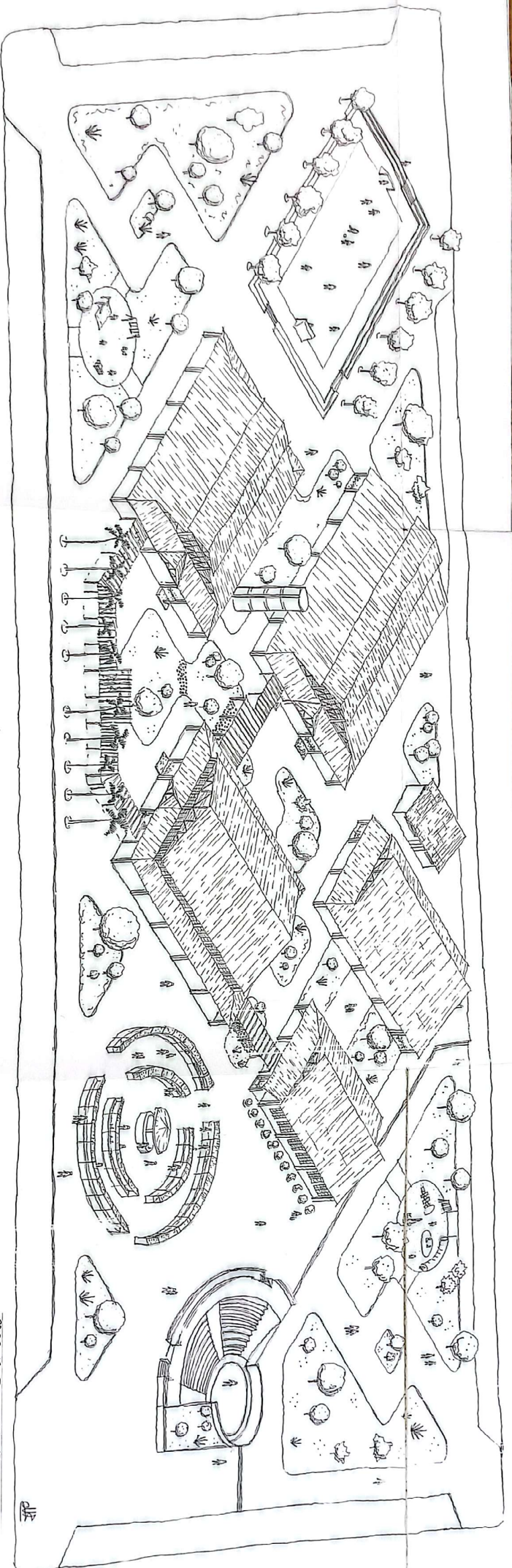


Detalhe Telhado Administração

01

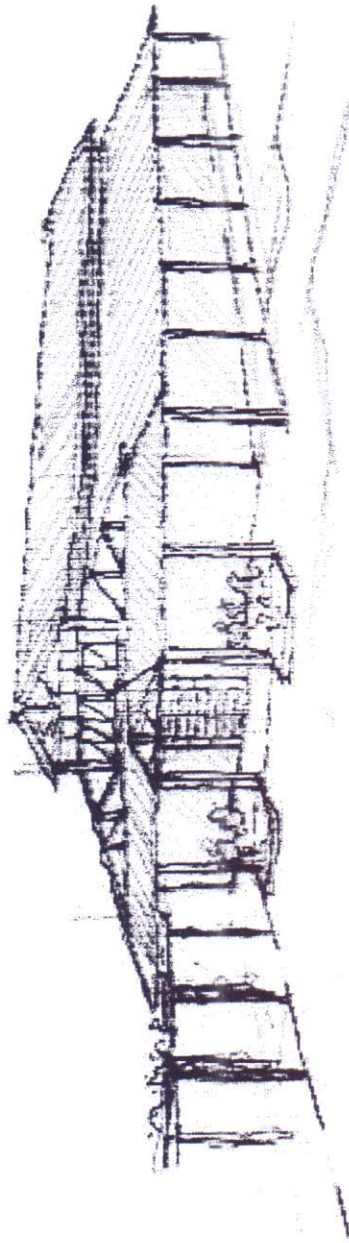
esc.:

1/25



CHOUROS DO CAMUNTO

212



Referências Bibliográficas

Referências Bibliográficas:

- Klintowitz, Jacob (1985) *Trançado Brasileiro*. São Paulo: Projeto Cultural Rhodia.
- Lody, Raul Giovanni Da Mota (1986) *Artesanato Brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte.
- Alegre, Silvia Porto (1994) *Mãos de Mestre: Itinerários da arte e da tradição*. São Paulo: Maltese.
- Banco do Nordeste do Brasil S.A. - Etene (1985) *Aspectos Econômicos do Artesanato Nordestino* Fortaleza
- Berta, G. Ribeiro e outros (1983) *O Artesão Tradicional e seu papel na Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Funarte.
- Borba Filho, E e Rodrigues, A (1969) *Cerâmica Popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro MEC.
- Arantes Antônio Augusto (1981) *O Que é Cultura Popular*. São Paulo: Brasiliense.

Rios, Gilvando Sá Leitão (1987) *O Que é Cooperativismo*. São Paulo: Brasiliense.

Filho, Nestor Goulart Reis (1983) *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.

IAB, Departamento do Ceará (1982) *Cadernos Brasileiros de Arquitetura. Panorama da Arquitetura Cearense. Volume 1*. Fortaleza: Projeto Editores Associados LTDA.

BRASIL. Lei. 5764 16 dez 1971. Legislação sobre cooperativas [online]. Capturado em 13 fev.

2001. Disponível na internet www.riviera.com.br/coop5.htm

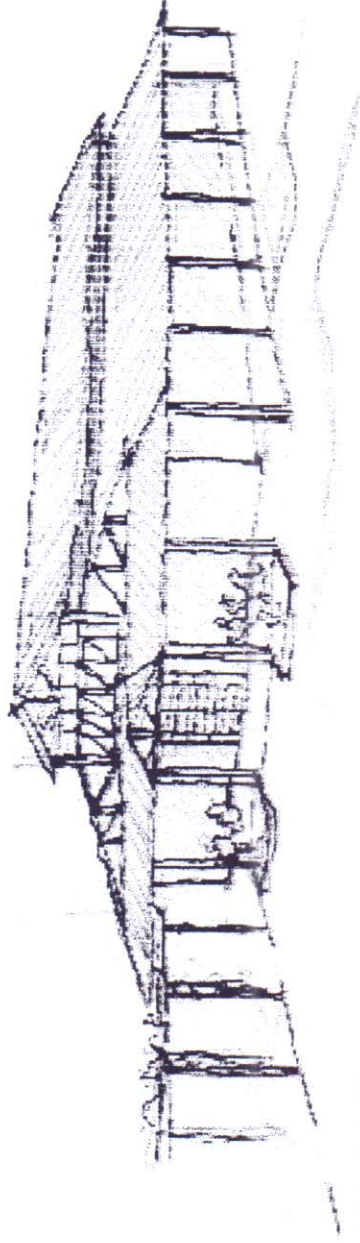
Vasconcelos, Silvío de (1970) *Sistemas Construtivos Adotados na Arquitetura do Brasil*. Fortaleza:

UFC

Rodrigues, José Wasth (1979) *Documentário Arquitetônico Relativo à antiga construção civil no*

Brasil. São Paulo : Itatiaia.

www.ceara.gov.br



Anexo

Tipologias Atuais Credenciadas pelo CEART

1. Alimentos e Bebidas
 - Alimentos (Alfênim, batidas, broas, doces, pêta, rosca, sequilhos)
 - Bebidas (Cachaça, cajuína, licores, vinhos)
2. Artístico
 - Brique
 - Estamparia
 - Modelagem (Gesso, cimento, barro, massas sintéticas)
 - Pirogravura (Cortiça, madeira, couro, papelão)
 - Retalhos à mão
 - Retalhos à máquina
 - Vitrais
 - Vitrificação
3. Bordados à mão
4. Bordados à máquina
5. Cerâmica
6. Couro
7. Crochê

- 8. Filé
- 9. Flora Regional
 - Arranjos Florais
 - Flores (tecidos, papel, naturais)
- 10. Imaginário (Ex-votos, santos, terços)
- 11. Instrumentos musicais
- 12. Labirinto
- 13. Lembranças (objetos diversos, areia colorida, bijuteria, etc.)
- 14. Literatura de cordel
- 15. Lúdico (Brinquedos artesanais)
- 16. Madeira
 - Escultura
 - Talhas
 - Torneamento
 - Carpintaria
- 17. Metais
 - Armaria decorativa
 - Ferraria
 - Latoaria
 - Sucata

- 18. Ourivesaria
 - Ouro Baixo (14/16)
 - Prata
- 19. Papiros (caixas, cartões, papel machê)
- 20. Pedras
 - Pedras cinzeladas
 - Pedras lapidadas
 - Pedras esmerilhadas
- 21. Pintura
 - Pintura à mão livre
 - Pátina e restauração
- 22. Rendas
 - Renascença
 - Renda de bilros
- 23. Tapeçaria
- 24. Tecelagem
 - Tecidos por metro
 - Redes
 - Palha

25. Trançado

- Palha
- Canudos de papel
- Cipó
- Fios de algodão
- Corda Cordões

26. Tricô

27. Xilogravura